PRESENÇA DE LAURINHO

FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER
Priscilla Pereira da Silva Basile

PRESENÇA DE LAURINHO

PRESENÇA DE LAURINHO

FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER
Priscilla Pereira da Silva Basile

Ao meu marido,
companheiro desta
jornada terrena.
Às nossas filhas,
genros,
netos,
parentes,
e amigos.

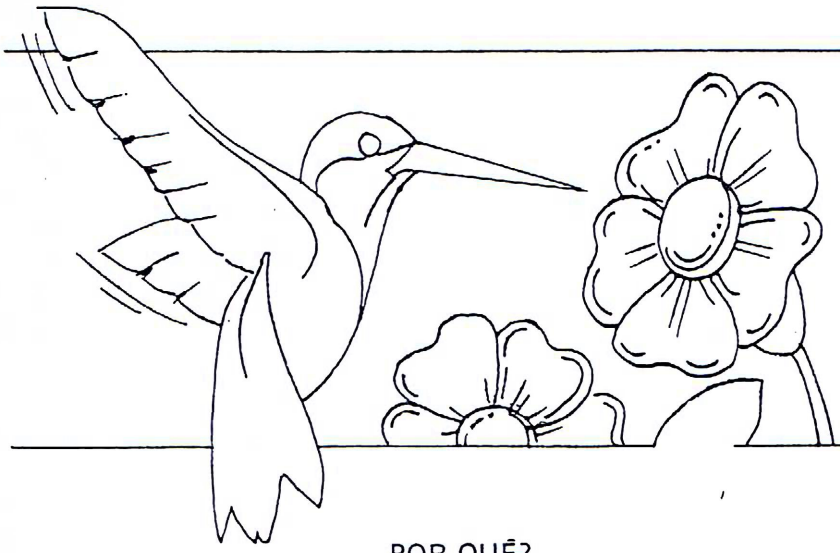
PALAVRAS DE CARINHO

À família Monteiro,
todo o anseio de amor, do amor que espiritualizou milhares,
Evaldo Rui
e
Laurinho,
tão persistente é a lembrança de vocês, tão cálida, tão mansa. . . Ficarão como um marco significativo em nossas vidas, símbolos de uma imorredoura amizade, dedicação e amor.

Só os pais compreendem os filhos, só os irmãos se conhecem, só os amigos se aproximam. . .

À família de Evaldo Rui, marcada pela mesma dor, estendemos nosso carinho partilhando o mesmo estigma.

A AUTORA



POR QUÊ?

Desesperada pela desgraça que desabou sobre nossa família, tentei por todos os meios conseguir, daqui e dali, uma escora para nós, antes que nos víssemos prostrados num hospital. . .

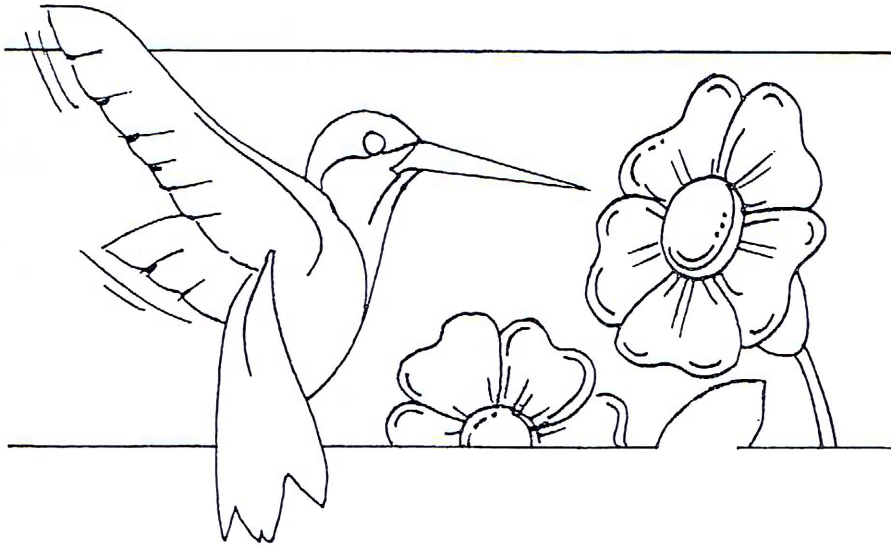
Família de antecedentes católicos, católicos praticantes que sempre fomos, justo foi que procurássemos na Igreja as forças, a explicação e o conforto de que necessitávamos.

Por que nos aconteceu isto tudo? Recebemos algumas palavras de uns e de outros, mas o esteio verdadeiro para nossa dor, através de uma explicação concreta, não o conseguíamos em lugar algum. Em meu mundo de revoltas e tribulações, vendo meu marido, minhas filhas, netos, não resistirem a tal acontecimento, resolvi ir até Chico Xavier, em Uberaba, sem nunca ter tido conhecimento de seus ensinamentos ou qualquer noção do que lá se passava. Graças a Deus, às suas palavras, à sua força, à sua humildade, sua ligação com o Senhor, encontramos o de que estávamos mais precisando — a paz interior. Deste dia em diante,

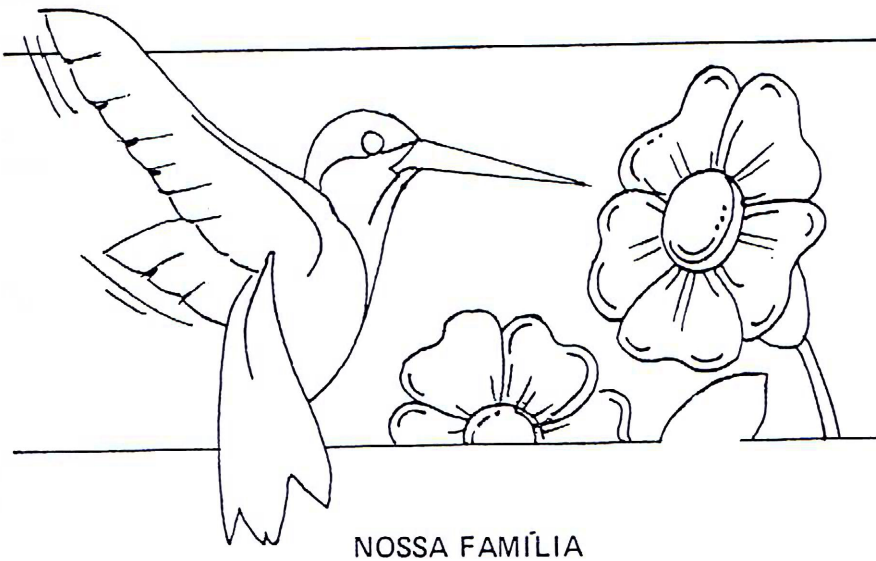
fazendo os maiores sacrifícios para irmos até ele pelo menos uma vez ao mês, ouvir aquele "Jesus nos abençoe" de tão abnegado homem, começamos por analisar aquela alma boa, aquele espírito lhano e humilde, que, não obstante pudesse viver rodeado do maior conforto material, tudo desprezou em benefício dos necessitados. Começamos assim, através da influência do grande médium, a sofrer pequenas transformações em nosso íntimo e a refletir melhor no conteúdo de nosso dia-a-dia.

Espero que possamos continuar rumo a essa meta, meta que conseguimos enxergar; e, em nome do nosso querido Laurinho acudir, na medida do possível e dentro de nossas forças, àqueles aos quais ele certamente entregaria seu coração num gesto de conforto e amor fraternal!

PRIMEIRA PARTE



COMO REENCONTRAMOS LAURINHO



NOSSA FAMÍLIA

Nesta pequena, mas acolhedora cidade paulista de Casa Branca residimos desde o nosso casamento.

Lauro Basile, meu marido, é natural de Santa Cruz das Palmeiras, mas foi criado nesta cidade, com família aqui radicada desde o seu nascimento. Professor de Educação Física, lecionou em São Paulo, Capital, e no interior, na cidade de Vargem Grande do Sul. Atualmente, está exercendo o mesmo cargo nesta cidade, no Instituto de Educação "Dr. Francisco Thomaz de Carvalho". Muito bem relacionado, principalmente nas cidades vizinhas, por força da profissão, tem convivido com a juventude esportiva, desde há muitos anos.

Eu, Maria Priscila Pereira da Silva Basile, nasci em Itapira, Estado de São Paulo. Com a idade de cinco anos fomos residir em São Paulo, Capital. Estudei no colégio religioso "Cólegio L'Assomption"; diplomei-me pela Aliança Francesa de São Paulo. Exerci a profissão de auxiliar de bibliotecária na Univer-

sidade do Estado de São Paulo, então diretor o digníssimo professor Dr. Eurípedes Simões de Paula. Conclui o curso de bacharel e técnica em Biblioteconomia no Instituto Superior de Ensino de Mococa, Estado de São Paulo.

Com o casamento, deixei o cargo vindo residir na cidade de Casa Branca.

Nesta cidade, a família cresceu e passamos a ser em número de sete, com a vinda de Yolanda, Rachel, Laurinho, Selma e Lucila.

Após o nascimento da primogênita, a avó Lourdes e tio Antônio Marco, respectivamente, minha mãe e irmão, mudaram-se para cá. Estabeleceram-se perto da praça da Escola Normal até adquirirem a residência onde ainda hoje se encontram instalados e que fica situada a dois quarteirões de casa.

Os pais de Lauro e seus irmãos aqui residem. João Basile, meu sogro, faleceu em 1958. Ótima pessoa, um pouco enérgico, sempre nos quis muito bem. Genoveva, minha sogra, idosa mas sempre prestativa, nunca se envolveu com nenhum filho, nora ou genro; mora na mesma residência de sempre, na rua Coronel José Júlio, a famosa rua da Estação como é conhecida. Meus cunhados são em número de seis, todos casados, sendo que uns residem em Casa Branca, outros não. Sendo a família do meu lado de parentesco imensa, e a do Lauro idem, não estamos sempre todos juntos, mas em momentos de alegria ou dor, todos acorrem e, unidos, proporcionam o maior apoio àqueles que necessitam. Dos cunhados, creio que toda a irmandade põe em destaque o nome do Chiquinho, dr. Francisco Glauco Basile e sua esposa Maura. Francisco está sempre pronto e solícito para

atender e ajudar em tudo e por tudo; é de uma simplicidade e bondade sem par: não quero com isso desfazer-me dos demais. Dos nossos cinco filhos, Yolanda, a mais velha, normalista, casou-se aos dezoito anos, tendo sido professora da Catequese Paroquial. Seu marido, iugoslavo, Petar Sikora, é muito trabalhador, bom companheiro, chefe da casa, e pai extremoso de seus filhos Gustavo, então com quatro anos e Guilherme, com dois anos e meio, crianças belíssimas, arteiras e, com a graça de Deus, cheias de saúde.

A segunda, Rachel, terminou o curso colegial. É dona de casa e esposa, mãe de família, apesar de ter-se casado com dezoito anos. Seu marido, José Araújo Filho, é mais conhecido por Shell; possuem dois filhos: Rafaela, uma graça de garota, com três anos e, José Neto, com um ano, que são a alegria de todos. Shell, ótimo marido, só falta adivinhar o que a mulher deseja; desdobra-se em tudo, apesar de ser, como a esposa, bastante jovem.

Lauro, o único varão, desde o seu nascimento deu muitas alegrias à nossa família. De um gênio especial, muito brincalhão, Deus o dotou de uma capacidade de invenção fora de série, de grande inteligência, sempre notado por todos. Onde Laurinho estava, só reinavam alegrias, brincadeiras, contagiando o ambiente.

Voltarei mais adiante a falar dele.

Selma, a quarta, muito parecida fisicamente com o irmão e muito, mas muito apegada a ele, pois Laurinho sempre foi seu companheiro, conselheiro e parceiro em tudo que inventavam. Cursou o Técnico Profissionalizante e Técnico Comercial, cursando agora a Faculdade de Serviço Social. Menina alegre, prosa, e de grandes amizades, sendo que todos lhe querem muito e, por esta razão, seu círculo de amigos está sempre aumentando.

Lucila, a caçula, nasceu com sete anos de diferença de Selma e, por esta razão, foi sempre acocada por todos da família. Muito inteligente do tipo intelectual, gosta muito de ler, de jogos instrutivos, e de música.

Enfim, os cinco foram criados como qualquer criança normal.

Aqui em casa, em seu mundo infantil, sempre imperaram as brincadeiras, artes, atritos simples e brigas bem sérias, estudo, repreensões e castigos.

Também não deixando de se fazerem presentes e atuantes muitas "palmadas" de verdade. Houve mesmo quem definisse os cinco como sendo os "D'Artagnans", partindo provavelmente de uma associação de idéias não muito válida, atribuindo aos famosos heróis um lema que a bem da verdade não era o seu: — "vence a lei do mais forte". Enfim, valha a inteção.

Onde cinco brincam, brigam e estudam, tem normalmente que ocorrer algo existente em todas as famílias: um tanto de desordens, de malcriações, de reinações, surpresas, imprevistos, doenças, alegrias e. . . tristezas.

Já passamos momentos de grandes preocupações com moléstias graves: Selma, aos dois anos, teve difteria e quase faleceu. Deus não a levou porque não era chegada a hora. Rachel, aos dez anos, teve nefrite ficando desenganada. Deus nos devolveu a filha completamente sã. Aproveitamos aqui para agradecer tudo que nós tivemos até então, ou melhor, até hoje.

MEU FILHO LAURINHO

Como Laurinho é nosso único homem, confesso que me preocupei, não em poupá-lo, mimá-lo, mas em que ele crescesse normalmente, como *Homem,* trabalhador, estudioso, honesto, simples e correto.

Graças a Deus, tudo isto ele realmente foi. Fica bem claro por aqui que não fujo à regra de cada mãe do mundo, ao dizer o *seu filho* é o "bom", o "ótimo". Mas gente, mesmo não podendo considerar meu filho um gênio, afirmo que Laurinho era fora de série, e era mesmo: quando garoto, já gostava de demonstrar tudo e, com o resultado, inventava outro tanto! Quantas vezes ele entrava correndo carregando aquele rádio velho, ganho de um dos tios ou de amigos nossos, alguma bugiganga encostada, mas que o deixava radiante e dirigia-se para um quartinho no fundo do quintal onde lidava com tudo aquilo! Assim acontecia com relógios, carrinhos, telefones antigos; colocava tudo funcionando. Chegou a montar uma estação retransmissora que alcançava quase cinco quilômetros, fazendo-a funcionar por pouco tempo, porque não era permitido pela Polícia.

Seus amigos estão aí para contar!

ESTUDANTE E INVENTOR

Laurinho cursou o pré-primário, sendo suas professoras: Maria Augusta Franco, Adelina V. Figueiredo, Angelina Martinelli Diniz e a diretora Zaira Jacob da Silva. Por ironia do destino, seu primeiro diploma está datado: "12 de dezembro de 1964".

Cursou o primário, no Grupo Escolar "Dr. Ribião Júnior", nesta cidade, sendo diretor nessa época Prof. José Menezelo Filho. O seu certificado foi datado de 15 de dezembro de 1972, assinado pelo então diretor Dr. José Pellegrine.

Foi vencedor, por várias vezes, em exposições de trabalhos e invenções técnicas, chegando a receber prêmios em dinheiro conquistados pela sua capacidade de criação, principalmente na parte elétrica e eletrô-

nica. Sua "turbina a jato" ganhou destaque, em exposição num dos clubes da cidade.

Durante esses anos, quantas mães o procuraram para que ele fizesse um destes trabalhos, para que seus filhos ganhassem nota! Lembro-me, como se fora hoje, de que uma mãe veio até aqui e pediu para Laurinho fizesse uma dessas invenções para que seu filho obtivesse a nota de que estava precisando; mais que depressa Laurinho entregou o trabalho, depois de um dia e meio de serviço, que para ele não representava nada! Eu dizia: "cobra um pouquinho, Laurinho, você merece!" Ele dizia: — "não vou cobrar nada, ele já está "pendurado" em nota!" E, assim, ia atendendo a todos que o procuravam, com a maior solicitude.

Após o término desses quatro anos entrou, por vestibular, no Colégio Técnico "João Baptista de Lima Figueiredo", em Mococa, cidade distante de Casa Branca cerca de 33 quilômetros.

Nos meses de férias, seu tio, meu irmão, levava-o ao campo de aviação, lá ensinando-lhe a dirigir carro; tinha, nessa época, apenas quatorze anos e foi num fusquinha verde, apelidado "Dengoso", pelo qual meu irmão tinha o maior cuidado, que ele aprendeu. Entregando-lhe a direção, ficava abismado em ver a habilidade do menino e a rapidez com que sabia mexer em tudo. O detalhe era a embreagem do "Dengoso", que meu irmão não deixava que ele saísse sem trepidar, coisa que o Laurinho conseguia evitar. Dali saiu dirigindo, mas teve que esperar até os dezoito anos, para legalmente pegar no volante.

A PENSÃO DA TIA NENA

Começando as aulas em Mococa, em 1973, reuniu-se com uma turminha boa numa casa alugada, for-

mando uma "república". Eram esses rapazes muito bem recebidos por todos os vizinhos, pois essa república situava-se num dos melhores bairros da cidade. As garotas da vizinhança faziam cremes, bolos, levando para os moços; os próprios pais destas moças dispensavam-lhes a maior atenção.

Ficaram assim um ano, até que resolveram ir para uma pensão. Apesar do convite do cunhado e da irmã, para que ele morasse com eles, Laurinho preferiu escolher uma pensão simples, para não perturbar o horário das crianças, seus sobrinhos.

Ficou na história a "Pensão da Tia Nena", como ele a chamava. D. Nena e seus filhos cuidaram de nosso Laurinho como se fora da família. Tudo que lá precisava, de um consertinho ou reparo, lá estava Laurinho pronto para fazê-lo. Escolheu um "belo" quarto no quintal, pois havia mais quatro, também ocupados por colegas, e dizia não existir "paraíso melhor do que aquele". Lá se instalou perfeitamente com seus pertences, cama, escrivaninha, guarda-roupa, criado-mudo e até que ficou legal, como dizia ele! Muitas vezes Laurinho brincava comentando "os bifes de gilete" da tia Nena: era bastante espirituoso.

Eu sempre quis preparar um frango ou carne de panela, para que ele levasse para a pensão e comesse durante a semana. Sabem o que ele respondia?

— Eu não quero ser diferente dos outros; se eles podem comer a comida da tia Nena, por que vou ter que ser diferente?

E assim ele foi estendendo o círculo de amizades naquela cidade.

Sinceramente uma meninada boa, sã de "moringa" e de corpo.

O CURSO

Durante esses anos de eletrotécnica, só vendo como era requisitado pelas famílias a comparecer em reuniões, tocar piano, mas sempre naquela simplicidade, até na maneira de se vestir.

No Colégio Técnico, gozou de grande estima dos colegas, funcionários, professores e direção!

Gostava de tomar sua "Coca" e saborear os sanduíches da cantina do Ferrareto. Para todos tinha uma brincadeira!

O diretor, Célio Ferrine, chegou a defini-lo assim:

— Laurinho tem um caráter marcante, e, marcante em seu caráter, a honestidade.

Dizia mais o diretor:

— Não foram um mar de rosas esses anos de estudos de Lauro aqui no estabelecimento. Ele não aceitava certas exigências ou situações; daí não voltava atrás. Vinha conosco até provar que o que ele estava explicando era certo. Acabávamos sempre rindo no fim, na Diretoria ou na Secretaria.

Tinha lá um grande amigo, que ele sempre definiu como homem legal, honesto e trabalhador, de bom papo e companheiro, além de grande conselheiro, o S.P., residente em Casa Branca.

Todos da escola diziam que Laurinho acabava convencendo a todos, pois sua maneira de expor os fatos era diferente, agradava a todos, era cativante.

Fazia parte da fanfarra do colégio, e levava-a muito a sério, sendo que no ginásio daqui fora dono do repique ou de qualquer instrumento que lhe entregassem.

O ESPORTISTA

Como todo rapazinho, teve sua bicicleta, chegando a demonstrar um arrojo, uma coragem, uma firmeza de guidom fora de série. Isto dos onze aos quatorze anos. Acabou modificando inteiramente sua bicicleta, para que esta ficasse mais leve, e eu dizia que por mais um pouco a "máquina" ia se acabar!

Como a grande maioria dos jovens, ele também era "gamado" numa moto! Chegou mesmo a descobrir uma usada em muito bom estado, que seu cunhado Petar (ou Pedro) lhe fez presente. Quando vi aquela máquina aqui em casa, embora a achasse legal demais, até na cor, confesso que quase cheguei a um atrito sério com meu genro, porque Laurinho não tinha idade para tal.

Dezesseis anos, e era exímio motociclista e motorista!

Tanto insisti que a moto foi devolvida ao Pedro e vendida. Não queria ver meu filho andar num veículo, fugido da polícia, ou incorrer numa contravenção mais séria. O dia em que Laurinho levou a máquina para Mococa, para devolvê-la ao cunhado, confesso que me doía por dentro. Parecia ter tirado um brinquedo de estimação de uma criança, mas mesmo assim, nunca me arrependi desta minha atitude, pois talvez o tenha livrado de sérios aborrecimentos. Aos dezoito anos, fez todos os exames, sendo aprovado com distinção e habilitou-se como motorista amador e motociclista. Ainda por uma brincadeira nossa lotei o carro com suas irmãs e paramos na esquina do Largo do Rosário, onde estavam sendo realizadas as provas. Ele ria, e eu com o dedão, de longe fazia o sinal de "positivo". Entrava e saía naquelas balizas como se nada lá existisse. A prova na moto, emprestada do Zéca: o "oito" foi feito rapidamente. . . nós então acenávamos a mão e as meninas, como sempre arreliavam-no.

Quando a carta chegou na Auto-Escola, meu marido se achava em Mato Grosso, numa pescaria, pois sempre foi fanático pelo esporte do anzol. Só uma vez Laurinho o acompanhou, para aproveitar o sol e a água numa bela lagoa daquele Estado. Esse menino nunca apreciou pescaria ou caçada; sempre dizia que o negócio dele estava na cuca.

Era mês de julho. Cheguei a fazer uma coisa de que me arrependo. Mesmo sendo um rapaz sensato e dirigindo muitíssimo bem, cheguei para o senhor L. da Auto-Escola e pedi-lhe que segurasse a carta do Laurinho até que o pai chegasse, pois temia que ele ficasse indo e voltando até Tambaú e eu não tivesse sossego. E isto aconteceu: o senhor L. concordou. Quando Lauro voltou, a carteira foi-lhe entregue, e o meu Laurinho nunca soube disso, que eu, por excesso de zelo e responsabilidade cheguei a fazer. De posse da carteira, sempre dirigia o "fusca" verde da família.

— Prometi a ele, em seu aniversário de 18 anos, escrito num cartão, que assim que entrasse na Faculdade, dar-lhe-ia um carro. Com esse cartão, ele se foi! Nunca poderia imaginar que poderia guardar uma coisinha desta, por quase um ano dentro de sua carteira a qual eu nunca abri para revistar.

Conduzia-nos por toda redondeza levando-nos várias vezes a Águas da Prata, Poços de Caldas, Tambaú, Mococa, São Carlos e a outros lugares mais.

UM JOVEM PRESTATIVO

Laurinho cresceu e tornou-se um rapaz super prestativo para a família, vizinhos e para quem dele solicitasse algo.

Consertava brinquedos, instalações diversas. Quantas vezes eu dizia:

— Cobra qualquer coisa Laurinho, assim você vai engrenando!

Ele respondia:

— Vê lá! Deixa para lá. Eles não sabem fazer e para mim isso não é nada, é coisa muito simples.

Quantas e quantas vezes subiu ao telhado da residência da Sra. Aída Midon, para arranjar a antena, ou dar uma viradinha; mais parecia um gato lépido no telhado. Era a satisfação em servir ao próximo.

Quando um pobre batia à nossa porta e estávamos a assistir televisão (muitas vezes, ele escarrapachado em sua poltrona predileta) eu dizia:

— Laurinho, estão pedindo pão.

Ele mais que depressa, largava tudo e corria para a cozinha. Quase sempre, demorava um pouco, mas voltava pulando com "aquele" sanduíche, geralmente um misto quente dos melhores! Entregava, alegre, àquele pedinte no portão.

Outras vezes escondia, com as mãos para trás, para que eu não visse, as próprias calças que ele havia arrebanhado dos cabides, para entregar a um garoto menos afortunado. Simples, nunca foi de pedir ou exigir nada. Nunca fez questão de roupas vistosas, ou de se fazer aparecer em qualquer situação. Gostava mesmo era de suas calças desbotadas, sua meia bota e um agasalho que não chamasse atenção.

Por tudo isso ele foi ficando conhecido; enfim, suas amizades não têm número!

Em Tambaú, cidade vizinha e muito acolhedora, ele se fez amigo de grandes e ótimas famílias. Conquistou um número respeitável de amizades. Chegou mesmo a ser colocado entre os sócios do fino Clube dessa cidade sem ter que pagar jóia nenhuma. Pagava lá uma men-

salidade mínima. Foi um convite por ser ele quem era: respeitador. Não vou citar aqui os nomes dessas famílias que tão bem acolheram meu filho, porque tenho medo de me esquecer, no momento, de alguma, e incorrer numa grande falta; mas deixo aqui meus agradecimentos de público, e que Deus abençoe cada vez mais, vocês todos aí de Tambaú.

Tudo que Laurinho fazia era rápido, elétrico.

— Não há tempo para perder! Tenho tanta coisa para fazer, o jeito é acelerar — sempre dizia ele.

Aqui em nossa casa, quase tudo foi instalado por ele. Temos uma campainha que montou aos doze anos de idade e está funcionando até hoje, muito bem. E ainda mais: é modelo exclusivo! Tudo ficava por conta dele. Além disso, dispendia longo tempo a fazer bijuterias para as irmãs e amigas.

PINTOR, NADADOR, PIANISTA E MOTOCICLISTA

Pintava com categoria, sem nunca ter aprendido pintura. Pintou quadros, que aqui estão em nossas paredes com sua rubrica. Pintou camisetas para todos da família, sempre fazendo os desenhos de acordo com o pedido, idade e época. Aqui estão as camisetas!

Nadador, por excelência. Nas férias, tínhamos a felicidade de passar, todos os anos, um mês juntos, sempre em praias; ele chegava a competir com os salva-vidas, os quais o viram crescer, e acabaram sendo seus amigos. Lá em Itanhaém estão o "Batata" e o "Capitão", que podem confirmar.

Devido às distâncias que atingia, mar a dentro, muitas mães vinham me perguntar, se eu não tinha medo; eu respondia que não, pois tinha absoluta confiança nele, e sabia até onde ia sua segurança.

Tocava piano muito bem, sem conhecer uma nota. De ouvido, "tirava" músicas clássicas e populares. Eram suas preferidas, as de Chopin e Beethoven.

Não sou apenas eu, a mãe que não se cansa de elogiar e gabar seu filho; todos os que eram chegados a ele podem contar, porque não só os de casa, mas os de todas as famílias que ele freqüentou participavam dessa alegria fora de série.

Um entusiasmo sem igual!

Quando chegava aos sábados, de Mococa, entrava com sua mochila carregada, sujo, cabelos desalinhados, mas com aquele sorriso.

— Oi, para todos! — Logo chamava a Púpi, a cachorrinha da casa, pegando-a pela coleira.

E era aquela folia!

Almoçava, contava o acontecido durante a semana, corria a pegar um refrigerante, refazia-se e começava novamente seus serviços do sábado: levar a roupa à lavadeira. Em seguida, consertar as motos que traziam aqui. Ficava preto de graxa, mas valia então, é claro, o teste para verificar se tudo estava correto. Dava então aquela volta!

Como era exímio motoqueiro, fazia proezas que eu mesma acompanhava, admirada de sua coragem, mas nunca disse nada que interferisse em suas criações.

Se bem que recordo, foi também com o próprio tio Antônio Mário que pela primeira vez experimentou uma moto, pois meu irmão teve uma "350" e também é motoqueiro.

Certa vez, convidou-me a sentar na sua moto, amarela, e disse:

— Sobe, Barata, acho bom a senhora também aprender a dirigir uma moto.

Não tive dúvidas: recebi as instruções, não achei muito fácil, e. . . lá fui eu! Quase atravessava a parede de nossa garagem, se não fosse uma sacaria que lá estava. . . Foi só risada dos que estavam me olhando, na brincadeira com Laurinho.

. . . Momentos felizes, que não voltam mais!

Aqui devo uma explicação:

"Barata", apelido carinhoso dele para comigo, talvez por ser eu muito clara. Eu o tratava por "Bicho" e ele sempre me tratava de "Barata". Até que isso pegou, e os seus amigos e amigas e nossos filhos também chamavam-me assim.

Fico contente e feliz, em poder transmitir a todos esses jovens o espírito de liberdade que Laurinho teve para comigo.

Ao pai, apelidou-o de "Kid", que passou a ser "Kédi". "Kédi" pra cá, "Kid" pra lá, acabaram sendo "Laurão Kédi" e "Laurinho Kid".

FILHO CARINHOSO

Para todos sempre tinha uma maneira carinhosa de tratar. À Selma, apelidou-a de Mirta. À Yolanda, de Yó. À Rachel, de Rá, À Lucila, de Lu. Apesar desta já ter apelido de Zó, ele nunca a chamou assim, somente de Lu!

À Rafaela sua sobrinha, chamava-a de "Menesta"; quanto a seu sobrinho que ainda estava no ventre de sua mãe, encostava o rosto na barriga da irmã e dizia:

— O Mizetinho vem aí, que carinha linda.

Ele vibrava com tudo!

Chegou então o segundo semestre de 1976. Laurinho ia de vento em popa na escola. Terminaria o curso es-

se ano e tentaria Engenharia, seu sonho desde menino! Estava eu, como todos os da família, radiante, pois tudo girava em torno do nosso Laurinho. "Laurinho, e mais isto? Laurinho, e mais aquilo? Laurinho o que você acha que devo fazer? Laurinho, como resolver isto?".

E assim estava esta casa da rua Luiz Gama.

Confesso que algumas vezes houve atritos, sérios mesmo. Mas graças a esses atritos, todos os cinco saíram gente.

Em novembro desse ano, Laurinho terminou seus exames. Lá se foi o pai fazer a mudança, tão pequena, de seus pertences, da tia Nena para a sua casa. E. . . lá veio a cama, o guarda-roupa, o criado-mudo, a escrivaninha, sua caixa de som, bolada por ele mesmo. Uma profusão de apostilas e sua mochila estourando, e ele estourando de alegria.

Mais uma etapa vencida, o que nos tempos de hoje não é nada fácil: não são todos os pais que têm essa felicidade! Na pensão da tia Nena, foi uma choradeira, até a auxiliar da cozinha chorava! Abençoavam nosso Laurinho, e este prometeu não se esquecer de ninguém.

Na padaria Brasil, ali perto, onde ele fazia suas comprinhas, a proprietária e as balconistas eram suas amigas, e na despedida, abriram as vitrines e liberaram os chocolates, bolos, danones. Foi aquele prejuízo.

Foi carregado pelos colegas da pensão; Carlão e Marquinho é que podem contar o quanto ele é querido por lá também.

Chegou em casa com os convites de formatura e disse: "passei". Eu respondi: "qual nada, filho, você terminou, não passou. Dá um beijo aqui na "Barata". E as irmãs na mesma hora, numa só voz: "aí, filhinho!"

Mas tudo naquela folia. Estávamos parecendo

estar sobre uma nuvem de algodão, de tão bem que tudo ia correndo.

O VESTIBULAR

No mês de dezembro de 1976, exatamente dia 5, ele tentou o vestibular da "Fuvest", para ter um contacto com a nova realidade.

Tal era sua capacidade, que sem ter feito cursinho algum, acertou 46 dos 126 testes. Aqui em casa está o próprio papel para todos verem.

Passamos juntos esse dia cinco. Aquele maravilhoso domingo de dezembro!

Lá então fomos escolher uma pensão de acordo, para eles morarem. Estivemos em diversas, por indicação de nossos amigos de São Carlos, o professor José (Índio) e a família França, nas pessoas de Nilma e seu irmão Walter. Encontramos o que queríamos, uma casa hospitaleira; lá mesmo almoçamos para provar o tempero, e ficamos no "campus" esperando os meninos terminarem o teste, pois outro amigo estava conosco, Toninho (o Pantera), como Laurinho o chamava. Acertamos tudo para os dois, naquela cidade. Iriam ficar juntos no começo de 1977, fariam o mesmo cursinho.

Voltamos felizes, pois mais uma vez tudo dera certo. Laurinho na direção do fusca verde, fazia calor, era dia de jogo do Corínthians..

Aqui chegando, como sempre, ficamos à vontade na sala assistindo ao jogo que era realizado debaixo de uma tremenda chuva. Mais tarde chegaram as irmãs, sobrinhos e a amiga Mag (de nacionalidade portuguesa) e começou a folia. Fantasiaram-se de portuguesas, uma ficou ao piano. Todos cantavam. . . "é uma casa portuguesa", tudo para arreliar com Laurinho, que tomava parte, como

se nem fosse com ele. Pela mãos de todos passavam os álbuns de fotos da família. E assim só se ouvia gritaria, anarquia e cantoria!

Eu estava mesmo com dúvidas a respeito de 1976! Estava bom demais! Eu continuava pisando em flocos! Todos empolgados com a formatura, menos ele, que na sua simplicidade dizia:

— A Barata pensa que uma formatura é coisa tão alta; tem chão, Barata, tem chão, Barata!

Mas como ele participava de tudo, queria saber como seria o meu vestido, o cabelo, sapatos, enfim, como eu iria me apresentar. E dizia mais:

— Chegou a vez da Barata estourar! Ela vai explodir no dia vinte! Quero só ver a dona Baratinha na formatura do filhinho!

Semanas antes, o tio Antônio Mário, que se havia encontrado com Laurinho na antiga Ciranda, ponto de reunião da brotolândia, chamou-o e disse-lhe:

— Sabe, Laurinho, o tio quer pagar, para você, as aulas de capoeira. Vá e se inscreva, o mestre Cidão é "quente" demais!

— Pra quê, tio, aprender a "lutar"?

— É só para defesa pessoal.

Então, Laurinho respondeu:

— Antes apanhar do que bater, tio não gosto de ferir ninguém!

Após esse dia cinco, prometi que ia lhe dar um presente, há muito desejado: a moto Honda 125, vermelha. Saí para Campinas, para apreçar o veículo: seria uma grande surpresa para todos!

Laurinho sabia, estava radiante e escondia tão bem o catálogo da máquina, que só fui achá-lo debaixo de seu colchão, vários dias após o acontecido.

A PRECOGNIÇÃO DE SEU TIO

Como de costume, Laurinho caiu de costas na cama do tio, dizendo:

— Oi, tio, dá um "crivo" aí?

Antônio Mário deu-lhe um Hollywood, mas pediu que ele ficasse por ali, para um aviso importante. Pediu a ele que não viajasse naquela semana. Laurinho ainda gozou da maneira de exprimir-se do tio. E este continou:

— Se você não deixar mesmo de ir, pegue sempre o lugar do meio, atrás, no carro. Se não der jeito, fique atrás do motorista e nunca na frente. Assim você poderá evitar sérios perigos.

Laurinho ria e dizia:

— Que é isso, tio? Nada vai me acontecer. Corta essa onda!

Suas palavras revelaram-se fatídicas! Coincidências, Antônio Mário sabe através de suas músicas e de ter ouvido afirmações de outros, que ele tem mediunidade, mas até agora não quis saber disso. E vai tendo avisos, pressentimentos, etc. Vejam os fatos:

Surgiu um serviço junto à Telesp: a instalação de novos aparelhos telefônicos na cidade e quando vieram colocar aqui em casa, eu disse:

— Vou chamar o meu técnico, ele se entende com os senhores.

Eram sete horas. Acordei Laurinho e, como nunca teve preguiça, nunca disse: "estou cansado", correu para a Telesp e se entrosou no serviço. Instalou aqui em casa e foi auxiliar os técnicos na cidade toda. Cobrava Cr$ 150,00, fornecendo todo material. Colocava a escada no bagageiro do carro, e lá ia ele. Quando voltava, à noite,

dos serviços, me chamava para ajudar a somar "a grana" recebida e a receber, guardando a féria num saco plástico em sua gaveta. Pretendia com esse dinheirinho me ajudar na compra de sua moto, de qualquer maneira.

Brincava tanto com essas instalações, que na hora do almoço, pegava o despertador e fazia-o tocar dizendo: — "o telefone já está ligado". E caía na risada!

Numa dessas tardes conversávamos na casa de mamãe, sobre a moto, quando, de repente, meu irmão começa a pedir desesperadamente, alto, no meio da sala:

— Tire o Laurinho daqui, Priscilla, tire ele dessa batota daqui! Mande ele para São Carlos! Ele é cristal raro da família. Mande-o porque vai acontecer algo.

Dou minha palavra de que atritei seriamente com meu irmão, dizendo que, como não tinha chegado nem o dia da formatura, não podia mandá-lo embora daqui.

Estava muito feliz o nosso Laurinho. Chegou ao máximo no serviço que empreendeu: iria fazer a instalação do PBX, nas três salas da Santa Casa local. As irmãs-dirigentes, elogiando-o pela maneira de ser, pelo respeito com que se conduzia lá dentro, afirmavam nem se lembrarem de que ele era nosso filho. Continuavam elogiando, quando me encontravam:

— Que rapaz simples, que educação! Hoje em dia é difícil de se encontrar um moço que reúna tudo isso.

Nesse serviço trabalhou com ele o Pantera. Assim que pegou o trabalho, como amigo, Laurinho correu a chamá-lo para que os dois pudessem faturar juntos.

O PAVOROSO ACIDENTE

No dia 11 de dezembro de 1976, sábado, ele trabalhou o dia todo lá mesmo. Chegou cansado, tomou seu

banho, colocou um pijama cor de laranja e. . . mãos à obra. Traçou um belo projeto do que iria executar no dia seguinte na Santa Casa. Assinou o mesmo e comentou: "Se houver alguma avaria, coisa que não vai acontecer, enquanto eu não estiver aqui, qualquer um poderá consertar, se seguir o projeto".

Vieram amigos aqui buscá-lo para irem em Tambaú: Z e J. O., em horas diferentes, e, ele agradecendo, recusou o convite, alegando que estava cansado e teria que levantar muito cedo no outro dia para trabalhar, embora fosse domingo. Mas nunca faltam aqueles que insistem em alguma coisa que não seja lá muito certa ou com um tanto de "arte" no meio, e involuntariamente, tornam-se o escuro instrumento do Destino.

E passou aqui aquele Maverick vermelho, com quatro moços dizendo que iam "curtir" aquele passeio.

Só o pai estava em casa. No carro estavam P.C.J., na direção; A.J.O.J., Evaldo Rui Monteiro e C.R.C.. E lá se foi o Laurinho, que já se tinha preparado para recolher-se, entrar nesse carro!

Eu havia saído com Lucila minutos antes e não pude impedi-lo de tomar tão errada barca!

Foram dançar em São João da Boa Vista, onde, como dizem, a "barra estava pesada", porque outros elementos daqui já haviam "aprontado" por lá. Nessa cidade, o motorista P.C.Jr., sem habilitação o que só ficamos sabendo mais tarde, bateu em outro carro. Coisa pequena: um tal de B.F., amigo do motorista, cobriu com duzentos cruzeiros esse estrago. . . e tudo bem. Seguiram para Poços de Caldas. Chovia bastante. Outros carros para lá se dirigiam.

Lá, Laurinho encontrou-se com uma garota de família daqui, D.F., mas residente há algum tempo naquela cidade, e segundo relato da mesma ficaram na porta do

clube conversando animadamente. Ela ainda contou, que quando se encontraram foi uma alegria, porque já fazia muito tempo que não se viam e ambos foram amigos de infância, de passeios de bicicleta e de paquera também.

D. F. nos relatou tudo o que conversaram. Nosso filho ter-lhe-ia contado que estava se formando, que ia ganhar a moto no outro sábado, que saiu para ir até lá mas esteve ocupado o dia todo com a Telesp. Foi esta a última pessoa a ter um longo diálogo com ele. Segundo ela, "um papo tão legal"! Na volta esse sinistro carro parou num posto de saída. Mandaram colocar trintão de gasolina e, por farra, "deram no pé" sem pagar!

Todos que souberam de algum detalhe vieram nos relatar.

Até a saída desta cidade já foi demais! Pararam no trevo da Rotatória, como é chamado, e todos beberam. Uns já estavam fora do normal desde a tarde desse mesmo dia, e os outros três, incluindo o nosso, começaram nessa hora.

Exatamente às três horas e vinte minutos da madrugada do dia 12, o motorista, sem habilitação, numa velocidade excessiva, não tendo perícia suficiente, não obedecendo à sinalização que, naquela rodovia, é perfeita, enfiou o "Maverick" num eucalipto.

O motorista, P.C.Jr., nada sofreu, apesar do impacto, tendo muita sorte!

Foi um espetáculo pavoroso!

Do lado do motorista P.C.Jr., estava C.R.C., que teve fratura exposta do fêmur, e outros ferimentos sem grande gravidade.

Atrás deste, estava no banco traseiro, E.R.M., que teve morte instantânea. Fora o mais atingido. No mesmo assento traseiro ia A.J.O.Jr., que, então, foi um dos que

mais sofreu; mas está entre nós, perfeitamente bem, graças a Deus.

Atrás do motorista, no assento traseiro estava Laurinho. Apesar da advertência ou aviso de seu tio para que ele não viajasse, porque percebia um ar "pesado" na cidade. . .

Essas famílias que tiveram seus filhos de volta, no meu ver, devem louvar a Deus humildemente em agradecimentos, por estarem vivos seus rapazes, porque numa época de progresso como a que atravessamos, todos estão expostos aos mais terríveis acidentes.

Não pedimos que fiquem nos dizendo que sentiram a ida de Laurinho como me falou alguém, porque mais do que ninguém, sabemos como a ida desse "menino" está fazendo muita gente sofrer!

Laurinho teve um ferimento mínimo na região occiptal esquerda, não obstante — chegou mais tarde ao nosso conhecimento — impelido pela sua capacidade de servir e pelo senso de humanidade, ajudou a retirar os demais de dentro daquela "lataria vermelha". Uso esta expressão, porque vi, com meus próprios olhos, no estacionamento, no centro da cidade de Poços de Caldas, aquela "sucata" da qual se podiam salvar apenas os pneus e o rádio, ainda funcionando e ligado na "Mundial". Fui ver, é claro: agüentei tudo por amor de meu filho para que ninguém ousasse jamais distorcer os fatos. Tudo está aqui dentro do meu coração, que jamais cessará de doer!

Aquele lugar, aquela curva, sempre fora, para mim, que, sempre que podia estava em Poços de Caldas com a meninada, um dos lugares mais bonitos da rodovia: os verdes em diversas tonalidades, a grama parecendo um tapete imenso, o riacho choroso e estreito que corre a uns metros de distância, a estrada larga que permitia perfeitamente a execução de manobras rápidas. . .

Agora, aquele eucalipto manchado, parece estar morrendo também!

A TRÁGICA NOTÍCIA

Nessa manhã de 12 de dezembro, domingo, Lauro levantou-se e foi ver quem seria que estava a bater insistentemente. Era W.E.A., avisando que o carro, em que Laurinho viajava, sofrera uma batida, e dizendo que devíamos nos comunicar com Poços de Caldas, porque, assim como poderia ser um arranhão, também poderia ser algo mais sério. Este passara pelo local do acidente, acompanhado de J.L.S.C.

Como soubemos posteriormente, J.L.S.C., se sentiu mal ao ver aquele destroço e, embora tivesse conhecimento do acontecido, não teve coragem de relatá-lo ao Lauro!

Corri para o quarto de Laurinho ao saber da notícia: a cama pronta para ele dormir e ele não havia mesmo chegado! Mil pensamentos! Ele não chegou mesmo; não o ouvi falar na porta do quarto "a bênção, mãe" de todas as noites ou madrugadas de festas. Em trajes de dormir, corri para a casa de mamãe pedindo ao meu irmão para nos levar até Poços de Caldas. Eram mais ou menos seis horas da manhã. Enquanto isso, Lauro saía com o carro para a casa do Pantera, do João Otávio, do Zéca, para saber de quem seria o carro e quem eram os outros quatro que estavam juntos.

Eu sei que, em dez minutos, estávamos saindo no "Corcel" de meu irmão, rumo àquela cidade. Fui daqui até lá pedindo a Deus, implorando que nada tivesse acontecido a nenhum deles, mesmo não sabendo quais seriam. Implorei tanto a Ele, em vão!

Na guarita da Polícia Rodoviária de Águas da Prata, informaram-nos que fora um acidente de grandes pro-

porções. O desespero tomou conta de nós, mas não perdemos o raciocínio. Fomos diretos à Santa Casa, onde em outra oportunidade já socorrera outros acidentados, portanto, sabíamos que o lugar indicado era aquele.

LAURINHO E EVALDO MORRERAM!

Lá ficamos sabendo, na portaria, que dois rapazes haviam perecido, um estava muito bem, e os outros dois graves.

Foi por eliminação.

Ninguém pronunciava nomes.

Subindo aquela rampa acompanhados pelas enfermeiras e irmãs, fomos levados para a ala de quartos onde estavam os três.

Adentrei um dos quartos, o coração batendo descompassadamente, um nó insuportável na garganta, a respiração ofegante, trazendo n'alma os mais negros pressentimentos. Havia ainda, teimosa, uma luzinha de esperança. Na cama, um ferido. Aproximei-me emocionada. E vi, estarrecida, que aquele não era o meu Laurinho.

Como que esmagada pela dor, a alma em tumulto, um pensamento fixo, com um resto de esperança, penetrei no outro quarto. Não, ali não estava o meu filho, o meu tesouro mais querido.

Aí, eu já sabia, já tinha a certeza, o meu coração gritava em altos brados: meu filho morrera. Como um autômato dirigi-me ao terceiro quarto, ainda tendo um restinho de esperança, a última chance, onde, mesmo antes de penetrar, fui informada de que naquela sala cirúrgica não estava o meu Laurinho. Constatei definitivamente que era legítima, não havendo mais dúvidas, a grande dor que despedaçava o meu coração.

Meu filho, meu filho, você estava entre os dois que não conseguiram resistir aos ferimentos!

O DRAMA QUE PASSEI

Não será preciso descrever a cena seguinte. Movida por uma força sobrenatural, cheguei à cabeceira do leito, onde P.C.Jr., estava recostado e ele me disse: — "Perdão, dona Priscilla." Ainda dei-lhe um beijo na testa!

Lauro, em desespero, tomou remédios que lhe ministravam e fomos conduzidos para o apartamento 312. Parecia uma loucura total, um pesadelo, vendo aqueles indivíduos de branco, com suas maletas no corre-corre. Eu ainda expliquei a um profissional, que, por favor, eu não aceitaria remédio algum, porque tinha consciência do lugar em que me encontrava. Disse mais, "Não vou perturbar esta Santa Casa, mas dêem-me o direito de chorar." Agüentei tudo. Passei a mão no telefone, ali mesmo no corredor, e consegui confirmar, para a família, a desgraça que desabara sobre nós. Quis ir ao necrotério, mas as irmãs não me deixaram. Meu irmão correu para lá, com a dúvida pairando em sua mente, pedindo a Deus que Laurinho não estivesse nessa.

Voltou logo após, trazendo o crucifixo e a corrente que nosso Laurinho levava no pescoço. Ele disse:

— Isto é para você.

Eu devolvi-lhe, dizendo:

— Vai e coloca no pescoço dele, porque quando ganhou isso de sua irmã Yolanda, disse que era para toda a vida: por essa razão ele escolheu esse presente dele, ao completar os 18 anos, e para mim ele não morreu; se é para toda vida, fica com ele.

Naqueles corredores, encontrei com pessoas desta

cidade, e, no meu desespero, agarrei o braço de A.C.C., dizendo-lhe:

-- Você que é cursilhista, me explica: por que isso conosco?

Ele continua andando e diz:

— Não sei, não sei!

Assim com mais de meia dúzia de pessoas e sempre a mesma resposta.

Chegaram alguns parentes. Minha filha Yolanda e seu marido Pedro. Tamanha catástrofe, que só quem passou poderá avaliar. Houve até um conhecido que sugeriu botassem meu filho como motorista, para livrar o outro, pois já tinha morrido mesmo! Eu, atenta e desesperada, gritei:

— Como vocês têm coragem! A ocorrência já foi feita! Não aceito isso!

Como existem pessoas corajosas, se é esse o termo que devo usar! Meu irmão ia e vinha do necrotério, para providenciar todo o necessário. O pai, Lauro, desesperado, não tinha condições para nada! Um farrapo humano, a chorar e clamar!

Entreguei o dinheiro para meu irmão e disse:

— Providencie roupa, embora a dele não esteja suja, mas molhada da chuva; você resolve tudo, do jeito que você achar melhor. — Pedi mais: — procure flores amarelas de preferência "monsenhor", a flor que sempre esteve em todos os acontecimentos de casa, e que neste, triste, também deve estar!"

Laurinho gostava de ver nossos arranjos amarelos por todos os cantos da casa.

Antônio Mário procurou o quanto pôde e não achou as flores que eu queria.

Não teve dúvidas: olhou um dos jardins de Poços de Caldas e notou que eram ornamentados só com rosas amarelas. Correu, apanhou duas belas rosas, mesmo ouvindo o apito do guarda, e levou-as para o sobrinho!

A CIDADE ASSISTE COMOVIDA AOS FUNERAIS

Enfim, às onze horas, saímos de lá com dois carros transportando os filhos amados: Lauro Basile Filho e Evaldo Rui Monteiro. Ambos habilitados como motoristas, ótimos filhos, populares jovens, cheios de esperanças, de um futuro grandioso para eles e suas famílias.

Os dois, nascidos no mesmo mês de março, do mesmo ano de 1958, por coincidência! Dezoito anos de felicidades que nos deram.

À cidade toda, o nosso Deus lhe pague, tal foi a acolhida! Milhares de pessoas, na maioria jovens, aguardavam a chegada dos dois amigos leais e sinceros. Lá estão um perto do outro, com as campas quase iguais, para serem lembrados por todos que tiveram a felicidade de os conhecer e de com eles conviver.

Nossa família ficou a ponto de endoidecer. O dia da missa de sétimo dia, seria a data prevista para aquele presente chegar: a moto vermelha!

Sempre procurando me manter aparentemente forte, comecei a perder peso. A dor corrói e consome o ser humano.

PESQUISANDO A SUA MORTE

Não conformada com o que atestava no papel o óbito de Laurinho, e movida por tudo que chegava aos nossos conhecimentos, rumei para Poços de Caldas e fui

até a residência do médico que lavrou o atestado. Pessoa de fino trato. Ouvi dele que fora mesmo um exame superficial, que não houvera tempo para qualquer exame mais acurado. Que quando ele chegara ao hospital, embora fosse o plantonista da noite, morando a poucos quarteirões de lá, ao adentrar a sala, meu filho já não vivia.

Doutor, talvez pela simplicidade do traje de meu filho, pelas mãos de trabalhador que foi, o senhor tenha dado mais valor aos outros. Mas acredito, que naquela simplicidade estava um "crânio", uma bondade, um invejável futuro! Essa simplicidade é meu filho! Roupas e sapatos, doutor, não mudam o conteúdo de um indivíduo, nem sua conduta perante a sociedade, mudam somente uma carcaça.

O delegado de Poços, pessoa de uma fineza sem par, numa de nossas conversas, vendo-me relatar fatos, desesperada, me diz:

— Nunca se esqueça disto: Os que se exaltam serão humilhados e os que se humilham serão exaltados. Deus fará ressoar essas palavras por todos os cantos do Universo.

Estive também galgando morro, num dos bairros simples de Poços de Caldas, para agradecer e conhecer o rapaz que transportou nosso filho, da estrada chuvosa para o hospital.

Os menores detalhes vinham ao nosso conhecimento, sem que corrêssemos atrás deles.

E lá fomos à casa simples do R. Este descreveu como a vítima se encontrava no chão, na grama molhada, e como chovia. Acreditou a princípio, que ele estivesse sem vida, mas ao virá-lo, acudiu-o logo, pois ele falava:

— Estamos feridos, leva a gente.

E este jovem tão simples quanto meu filho, junto

com outros companheiros que iam voltando para Poços, parou o carro velhinho, um fusquinha azul 62, e, carregando Laurinho, colocou-o no banco dianteiro e o mais depressa que puderam, rumaram para a Santa Casa local.

Diz R. que, logo, outros carros pararam e acudiram às demais vítimas. Para mim, R. o identificou com exatidão, pelas roupas, calçado, cabelos e finalmente afirmou quando lhe mostrei uma foto. Quis retribuir-lhe, com o rosto banhado em lágrimas, mas esse homem, com H maiúsculo, apesar de sua simplicidade só aceitou um beijo meu!

R. contou também que nosso filho chegou com vida ao hospital, sempre perguntando se estava ferido, onde ia ele. R. o colocou na sala de curativos e ainda esperou, a pedido da enfermeira, que ia telefonar ao médico. Pediu então para urinar, e os enfermeiros falaram que o fizesse ali na maca, mas ele dizia que ali não. Então conduziram-no ao banheiro. R. calculando que ele estivesse fora de perigo, o deixou entregue aos cuidados dos enfermeiros: nem ficou sabendo que ele havia falecido.

Enquanto R. praticava esta ação maravilhosa de um homem digno, corajoso, sem medo de complicações, chegava aos nossos ouvidos a lamentável informação de que outros carros que teriam passado pelo local, inescrupulosamente, negaram socorro, pressentindo complicações.

PROVAS DE SOLIDARIEDADE

Nós recebemos do povo desta cidade uma solidariedade sem par.

As amizades de Laurinho continuaram chegadas a nós. Cartas, cartões, fotos, lembranças de todos os tipos têm vindo parar em nossas mãos.

Qual o rapaz, que aos 18 anos não tem acanhamento de conversar com pessoas de mais idade? Hoje é tão comum!

Comigo, ou melhor, conosco se deu o contrário.

DIA DAS MÃES

Domingo, dia das mães, em maio, um domingo de amarguras, toca o telefone e Davilson e Carlão, nossos grandes amigos, me cumprimentam e beijam pelo dia das mães. Isto vindo de Tambaú! Foi maravilhoso! Puseram-se no lugar de meu filho e não tiveram acanhamento!

Houve na Eletrotécnica, em Mococa, uma semana de festividades alusivas à fundação da Escola e, por votação, do corpo docente, ficou denominada: "Semana Lauro Basile Filho". Comparecemos à belíssima missa campal em homenagem a ele. Deu-se o início dos jogos, e dez dias após, houve o encerramento, no ginásio coberto. Foi emocionante. Fomos daqui, em quatro carros. A moçada dava o que podia para merecer o primeiro lugar no jogo. Recebi, assim, como mamãe, ramalhetes, ofertados pela direção da Escola.

Entregamos as medalhas e troféus. Qual não foi minha emoção, quando os rapazes vencedores, com o lindo troféu de campeões, vieram ao meu encontro e disseram: "este troféu é seu!". Nele está gravada esta frase: *"Torneio Lauro Basile Filho — Campeão de 1977"*.

Tudo isso, tão grandes emoções que vivi e estamos experimentando, sem que tenhamos parado no hospital, faz-me acreditar que há Alguém nos sustentando e nos dando forças e. . . aceitação.

Como já disse, sou de família constituída de católi-

cos praticantes; assim a primeira coisa que me ocorreu foi procurar uma Igreja, mas confesso que "aquele" apoio de que precisávamos não achei.

Sempre eu com a mesma pergunta:

— Porque nos aconteceu isso?

E sempre as mesmas respostas:

— Não sei, filha, não sei; foi Deus quem quis!

Vendo que minha filha Selma estava numa revolta imensa, assim como a pequena e os demais, meu desespero aumentava cada vez mais, embora sempre aparentasse estar muito forte e conformada.

E assim passou janeiro, fevereiro e vai se aproximando o mês de março, o aniversário de Laurinho!

Deus nos ajude! Jesus nos acuda! Parecia que nós íamos sucumbir. Então, resolvi fazer uma homenagem a meu filho, externando tudo o que realmente sentia em meu coração. Foi aí que escrevi o que vai aqui transcrito logo abaixo.

A MENSAGEM DE REVOLTA

Exatamente no dia 17 de março de 1977, quando nosso Laurinho completaria seus 19 anos, mandamos celebrar uma missa, e após a cerimônia distribuí os impressos contendo meus pensamentos para os presentes. Mas eu estava ainda procurando uma explicação para tudo, sem encontrar nenhuma.

Eis a mensagem:

À memória de Laurinho, luz perene de ideal simples na grandeza — leva em seu espírito a vitória dos bons!

Memórias sagradas, estas, que crescem com o tempo e que não se apagarão nos horizontes desta cidade. . .

Não estou aqui,
mas
continuo vivendo. . .

TRISTEZA

Cada segundo a mais que se passa, não é um segundo que se vive, — um segundo que se deixa de viver.

a) *Lauro*
6/8/76

Lauro Basile Filho

Casa Branca, 17 de março de 1977.

Que dizermos nós, neste minuto angustiado de nossas vidas, em que cultuamos na alma esta saudade que será perpétua, esta dor infinita?

Perdemos nosso filho, nossa grande esperança de futuros dias, nosso imenso orgulho.

19 anos hoje. . .

Apenas 18 anos de felicidades que gozamos, pensando que podíamos vê-lo um dia, entregue ao seu labor, seu grande ideal: a Engenharia Eletrônica!

Esse rapaz era o nosso único filho homem!

Já nos houvera dado grandes prazeres na vida, porque por si só soube ser bom e justo, grande moço no presente, tudo fazia crer que viria a ser um grande homem no futuro, porque todos lhe admiravam o caráter puro, a inteligência rara e o talento revelado em todas as fases dos seus estudos.

Dedicamos a ELE estas palavras, nosso grande, extraordinário amigo de todas as horas, criatura que morava nos nossos pensamentos, com a mesma estreiteza com que a pele se liga ao nosso corpo.

Nosso filho se foi! Foi antes de completar seus 19 anos, que é a plenitude da vida.

Não deve ter tido sofrimentos, porque era são de alma e de corpo; mas. . . deixou aberta, viva e sangrando continuamente, uma profunda chaga em nossos corações de pais, irmãs, avós, tios, parentes e amigos.

Eu, a mãe, o adorava com o ardor dos fanáticos; eu o queria como se quer as coisas mais respeitáveis do mundo.

No entanto ele se foi, como essas avezinhas ingênuas, simples e puras dos campos, que nos próprios campos param a respiração!

Aquele adeus sereno e bom que nunca nos pareceu ser o último, ficou-nos na memória, permanece nela, como uma cicatriz que não se apaga nunca.

Temos agora a plena sensação de que somos uns farrapos humanos.

Nada nos entusiasma, nada consegue tirar-nos dessa tormenta desesperada em que mergulha nossa alma!

Lúgubre fim de um bom rapaz.

Mas Deus está com ele, e por isso Laurinho se foi, entre as saudades imensas das suas irmãs, de seus parentes, amigos e colegas, e desespero de seus pais, que aqui ficaram como restos imprestáveis de gente.

Que dizer de tudo isso?

Por que assim aconteceu?

Ninguém sabe nos responder.

Fica conosco esse abandono que imobiliza as criaturas humanas, tornando-as trapos de vida.

A ida desse filho adóravel, que enlutou perpetuamente a nossa família, abriu apenas uma nova estrada em nossos corações:

Abriu o caminho da angústia, onde não penetrarão, por impossíveis, os sinais da resignação e do consolo.

Há certas dores, tão cruéis e tão profundas que nos imobilizam, que nos dão a angustiosa sensação do vácuo e a assustadora impressão de que a vida parou!

Este passo torturante da nossa vida parece-nos o fim de tudo, a imobilidade da dor!

A imobilidade . . . O fim!

E assim chegou ao fim tantos sonhos, que tantas e tantas vezes sonhamos juntos.

A você LAURINHO as mais comovidas palavras que escrevi, as mais sofridas — dei-lhe a vida, não pude lhe dar o destino que sonhei. . .

Nunca pensei, numa homenagem a você, meu filho, tão sofrida!

Deus está ao seu lado.

Boa viagem.

Até um dia, se Deus quiser!

Seja feliz!

Nós todos

Isto causou impacto em muita gente pois, creio que nunca passaram um pedaço destes, e só diziam:

— Você tem que se conformar, o tempo se incumbe disso!

Qual tempo, qual nada! Após ter passado o dia 17, nós quase sucumbimos mesmo.

A VIDÊNCIA DE UMA AMIGA

Uma senhora da sociedade, formada, muito culta, ocupando lugar de destaque em função pública nesta cidade (omito o nome por motivos especiais), telefonou para casa, dizendo precisar falar com Lauro. Nesse mesmo dia, Lauro não estava. No dia seguinte, um sábado, ligou de novo. Fui eu quem atendeu o telefone. Ela chorando dizia:

— Priscilla preciso muito falar com Lauro.

Peguntei-lhe se eu não poderia resolver o assunto e ela replicou:

— Então venham aqui em casa, que tenho um recado para o Lauro.

Domingo cedo — era a última semana de março — fomos nós dois à casa dela. Ela, muito comovida nos recebeu na sala, pois nunca fomos de nos visitar. Para espanto nosso contou-nos que relutou muito antes de nos narrar o que se segue; chegou mesmo a consultar seus orientadores espirituais, que são o pároco e outros padres desta comunidade. Acontece que eles mesmos sugeriram a ela que viesse nos procurar.

Esta senhora estava passando férias em "Águas Quentes", no Estado de Goiás. Eis que por três dias consecutivos, ao banhar-se nas piscinas naturais daquela região, com muito espanto viu, a uns três ou quatro metros de distância, Lauro, meu marido, e um rapaz ao lado deste, que lhe dizia:

— Vai e conta ao meu pai que a minha hora é chegada.

À noite quando se achava em sono profundo, viu o mesmo rapaz, falando as mesmas palavras. Diz ela que acordara agitada e rezou o terço por intenção de Laurinho.

Confessou para nós, que chegou a pedir a Deus que Laurinho não aparecesse mais a ela. Com relação a isto, pediu-nos até desculpas, pelo seu pavor! Que na última dessas três noites de recado, ele falava qualquer coisa com relação ao dia 17, mas ela não conseguia entender.

Desesperada nos disse que nunca fora espírita, nem mesmo tivera conhecimento de fatos idênticos. E o desespero para avisar Lauro aumentava enquanto suas férias não terminavam.

Vejam só, esta senhora não conhecia Laurinho rapaz. Só se lembrava dele menino. Não esteve aqui no dia 12 de dezembro, pois achava-se em viagem, mas ficou bastante sensibilizada com as aparições, porque é mãe também de um único filho! Regressando a Casa Branca, qual não foi o seu espanto ao passar os olhos pelos jornais e ver o convite da missa por alma coincidente com o aniversário de 19 anos dele! Saiu à procura de quem tivesse uma foto e, ao vê-la , confessou para nós dois que fora ele mesmo quem viera dar o recado para Lauro! Mandou até rezar missa por intenção do nosso Laurinho, que por força de dia vago, caiu justamente no Dias das Mães, oito de maio!

Tudo isso ela nos relatou, com lágrimas nos olhos, quase sem fala, e dizendo:

— Graças a Deus eu dei o recado!

O VAZIO DEIXADO

E com isto já vamos chegando em abril. E o desespero continuava: a amargura, a tristeza tomou conta de nossas casas, tudo parecia fazer eco. Sentávamos à mesa e com muito esforço engulíamos alguma coisa, como se estivéssemos mastigando palha.

Yolanda, a mais velha dos cinco, deixou de vir até a nossa casa, não agüentando ver a casa em que cresceram, nem as coisas e retratos de Laurinho. Nem às missas de seu irmão compareceu. E nunca esteve no cemitério, não conhece a campa do irmão, porque até na própria casa tudo faz eco e ela prefere guardar a imagem do irmão como se ele estivesse aqui.

Lá em casa do cunhado, onde uma de minhas netas, Rafaela, filha de Raquel e Shell, era por demais apegada ao tio Laurinho, ele sempre nadava com os colegas, enfim divertia-se. Laurinho amou essa sobrinha de uma forma extraordinária, desde antes de seu nascimento; e a menina ainda é agarrada ao tio. Meu Deus, essa criança perguntava pelo tio, chamava por Laurinho, corria à porta para ver se era ele que chegava. E nada. . . Na rodoviária, via o ônibus azul e branco e dizia:

— Laurinho vai chegar! Laurinho vem vindo!

Isto tudo merece destaque, pois esta criança, nessa pouca idade falava correntemente. Sempre foi tagarela. Separava brinquedos para ele consertar, desde pernas de bonecas, roda de carrinho, até os binquedos de pilha. Tudo num amontoado no quartinho dela, esperando pelo tio Laurinho para consertá-los. Pedia para ir a

Mococa na casa da tia Yô — acreditamos que tinha a esperança de encontrá-lo.

O que iria acontecer com esta criança, com o pequenino cérebro cheio de dúvidas e amargurado pela falta do tio? Foi então que, com o coração estraçalhado, me enchi de coragem, e à primeira pergunta que ela fez sobre o tio, eu gaguejando respondi:

— Rafaela, a vovó vai contar para você que o tio Laurinho está lá no céu. Lá em cima, com os santinhos.

Ela me responde, perguntando:

— Vó, ele está nanando? Tem pijama lá?

E continuava insistindo, perguntando quando ele iria voltar. Fui obrigada a dizer:

— Rafaela, tio Laurinho não vem mais, agora ele fica lá em cima, olhando você de lá.

Estava sendo tudo além de minhas forças, então esta criança, pegou minha carteira onde tenho uma das fotos de Laurinho e me disse:

— Vó, eu quero um Laurinho grandão para pendurar no meu quarto.

Eu logo mandei providenciar uma foto grande, e lá está no quarto dela: sempre o beija e fala nele como se estivesse no meio de nós. Jamais esta criança o esquecerá.

Então, pergunto eu, tudo isto não é de estarrecer? Não é de estraçalhar a gente aos poucos?

A avó materna, Lourdes, chorava demais. Tocava o telefone para cá e sempre dizia:

— Não agüento mais a falta do Laurinho; estamos num silêncio que impressiona, o vazio é muito grande.

Eu tinha que ter algumas palavras, apesar dos pesares, para animá-la.

Selma, a irmã, não fora às missas: nesses dias ligava o gravador dele com suas fitas no máximo do volume, dizendo que era homenagem a ele.

Suas fitas, aqui guardadas como relíquias, são, na maioria, sentimentais e algumas do gênero rock-ópera. Aqui em seu quarto, tudo ficou como ele deixou: apostilas sobre a escrivaninha, toca-fitas, caixa de som, que ele mesmo montou, projetos e mais projetos dentro do armário, capacete de motociclista, raquetes, pés-de-pato, mochila, outros engenhos já começados, algumas enciclopédias e alguns de seus pertences de uso pessoal.

E é nesse quarto e na sua escrivaninha que estou escrevendo este dilacerante repositório de saudades!

Enquanto o tempo passava, via que todos estavam cada vez piores e se agüentando para um não dar demonstração ao outro. Todos choravam escondidos. A tristeza, a dor, tomou conta desta casa, como uma nuvem negra que penetrasse por uma janela.

Seus amigos e nossos amigos continuavam vindo aqui normalmente e nos têm dado apoio total, sempre procurando uma palavra certa, para nos empurrar pra frente. Falam muito sobre ele, relembram-no com saudades, como um grande exemplo de amizade, honestidade, alegria e amor ao próximo!

UMA INTUIÇÃO: PROCURAR CHICO XAVIER

Ao se aproximar o mês de maio, não tendo ainda encontrado uma solução, um apoio para tudo isso, uma explicação sequer, continuava eu perguntando para mim mesma.

— O que será de tão ruim que fiz, para Deus me castigar dessa maneira?

E só muito mais tarde fui compreender tudo, como vocês verão adiante.

Na primeira semana de maio, não sei como, ninguém nunca me falara a respeito nem eu tinha ouvido falar em quem seria Chico Xavier, a não ser vagamente, nem de suas virtudes, abnegação, humildade —, este nome ressoou nos meus ouvidos e algo começou a me empurrar para algum lugar que eu mesma não sabia onde seria. Acreditem: assaltou-me forte intuição e, de repente, via-me a procurar alguém que me levasse a Uberaba, onde Chico Xavier reside, sem mesmo saber o que eu iria fazer por lá, como seria, onde seria, qual o dia, qual a hora.

Tanto insisti, que Lauro, meu marido, disse:

— Se você conseguir alguém para levá-la até lá, o carro está aqui, mas eu não vou!

Então fui ao meu irmão, Antônio Mário, e minha mãe, e este prontamente me disse:

— Nós vamos, eu levo você, a mamãe vai junto. Quem mais irá conosco?

Disse mais: já havia ido a Uberaba outras vezes mas nunca chegara ao Chico Xavier. Então eu, quase feliz por um instante, perguntei à minha filha Selma se ela gostaria de ir até Chico Xavier; alertei-a de que eu própria não sabia o que se passava por lá; apenas achava que devíamos tentar para ver de perto. Disse mais à Selma que iríamos levar as roupas do nosso Laurinho para os pobres de lá. Ela mesma acondicionou tudo e eu mesma repetia:

— Selma, não adianta deixar isto tudo aqui, se ele não irá voltar: vamos vestir alguns pobres, como Laurinho mesmo o faria.

O ENCONTRO EM UBERABA

Era uma sexta-feira. Entrando em Uberaba, meu irmão perguntou onde poderíamos conversar com Chico Xavier e o povo de lá, muito solícito, acolhedor, com a maior paciência nos indicou o local. Fomos em direção a um bairro humilde, oferecendo esse sacrifício e cansaço, em benefício do meu querido Laurinho.

Quando chegamos àquela esquina, daquele bairro sem calçamento, deparamos com imensa fila. Como seria natural, começamos a fazer indagações. O policial que lá se achava, por sinal muito acessível, de uma paciência sem limites, nos deu toda informação. Era quase meio dia. O sol estava insuportável, e nós teríamos que obedecer àquela fila! Nosso número passava do cem. Vejam só: isto ao meio dia!

Ficamos sabendo que Chico Xavier chegaria às quatro horas para atender às pessoas, de uma em uma. Naquela expectativa, estávamos meio ou totalmente por fora do andamento da situação.

Enquanto meu irmão, Selma e minha mãe iam comer alguma coisa, fiz questão de permanecer na fila. E lá fiquei, praticamente em jejum; nem fome, nem cansaço sentia! Um copo de leite do barzinho do Sr. Luiz recuperou-me as energias. Para mim, a atmosfera tinha qualquer coisa diferente. Começou então a chegar tanta gente, vinda de toda parte do Brasil! Carros de todos os tipos e de todo o território. Uma multidão! Gente com problemas, gente sem problema nenhum. Quase todos, como eu — pareceu-me — como "São Tomé": verifiquei que a maioria era constituída de pessoas cultas, instruídas.

Outras lá estavam pela alegria de conseguir um alô de Chico Xavier. Vi também crianças excepcionais, doentes, aleijados. Havia de tudo! Até alguns para foto-

grafar ou filmar Chico Xavier. Nós não sabíamos se chegaríamos mesmo a vê-lo. Às três horas da tarde, essa fila interminável começou a caminhar para o pátio do lugar, aliás, da sede onde Chico Xavier costuma fazer suas preces e trabalhos. A fila continuou pelo pátio e eu na expectativa de poder entrar, mas certa de que no nosso lugar, muito atrás, não ia ser atendida. Quando o guarda ordenou que se formasse outra fila paralela, para receitas, fomos ficar mais ou menos em quarto lugar.

Já todos, como sempre, estavam com as fisionomias exaustas, mas com os olhares confiantes, quando parou aquela "Variant" amarela, e desceu aquele homem de estatura mediana, fisionomia alegre, acenando para uns e outros, sorrindo aquele sorriso de serenidade que envolvia a todos, indistintamente, num halo de confiança e conforto. Vinha acompanhado. A porta do salão estava com suas duas folhas abertas. As janelas azuis também escancaradas, deixavam à vista uns simples bancos de madeira lixada, uma mesa coberta por um oleado xadrez e florido e muitos Evangelhos sobre a mesa.

Numa das paredes, uma placa, com os seguintes dizeres, se não me engano:

"Aqui, com o nome de Grupo Espírita da Prece, funciona o Culto de Evangelho do Lar do irmão Francisco Cândido Xavier."

Tudo isso para mim, ou melhor, para nós quatro, era muito estranho. Eu, muito atenta aos mínimos detalhes. Não que abrigasse uma atitude de desrespeito por tudo aquilo, mas como até então estivesse feito bola de sabão no ar e como me visse mergulhada num mar terrível de sentimentos e emoções lancinantes há tanto tempo represado, natural era que, movida pelos pensamentos e idéias desencontradas, cheios de conflitos, precisasse de algo muito convincente para que pudesse acreditar em alguma coisa mais. . . real.

Chico Xavier sentou-se num dos bancos que da porta se via perfeitamente. Quando chegou a nossa vez, eu primeiro, ao olhar aquele homem com aquela simplicidade, camisa xadrez vistosa, com aquele tom de voz, ajoelhei-me e disse-lhe:

— Chico, perdi meu filho!

Nada mais foi preciso, mesmo porque, meus soluços não me permitiriam ir além.

— Filha Priscilla — sem nunca ter-me visto, ou ouvido o meu nome — seu filho não morreu. Acredite que ele partiu desta para uma nova vida, porque os dotes espirituais que ele carregou foram grandes, e ele está bem. Filha, uma vida muito melhor. Ele terminou seu tempo aqui. Cumpriu sua tarefa. Ele estava escolhido para ficar pouco tempo entre nós.

E assim por diante, foi fazendo identificações, chegando a reproduzir o retrato falado do nosso Laurinho.

Fui-me levantando e ele sempre pedindo:

— Filha, confia em Jesus, Deus não desampara ninguém. Ele nunca permitiria um sofrimento de uma mãe, como a mãe de Jesus, se não fosse em seu próprio benefício. Aconteceu porque tudo isso está dentro da escolha que fizemos, quando para cá viemos. Jesus nos abençoe, filha!

Devido a sua já conhecida humildade, beijar-lhe as mãos não é fácil, mas a maioria mesmo com o acanhamento que se nota em Chico Xavier, beija-lhe o rosto.

Chegou a vez da Selma. Esta recebeu, emocionada, aquele consolo paternal. Minha mãe a mesma coisa. Quando meu irmão Antônio Mário tirou o chapéu e adentrou o salão, chegando à frente de Chico Xavier, este disse para espanto de todos nós:

— Vamos cuidar do Antônio!

Todos ficaram admirados. Também, nunca meu irmão o vira, nem ele sabia o seu nome. Em seguida, acomodamo-nos num daqueles bancos e ficamos observando os fenômenos que aconteciam.

Para cada indivíduo, Chico Xavier tinha palavras diferentes.

CHICO XAVIER ATENDE A TODOS

E assim atendeu ao povo que cada vez ia aumentando mais. Sem interrupções, ouviu, das quatro horas da tarde até às seis, a todos os que lhe solicitavam algo e quando se levantou, foi para a cabeceira da mesa. Então fez-se silêncio absoluto. O salão repleto. Lá fora, o pátio e as ruas apinhadas.

Chico Xavier orou! Aquela prece simples, saída do mais fundo d'alma!

Palavras dirigidas ao bom Deus.

Dali levantou-se, dirigindo-se a uma saleta de dois metros por dois, ou nem isso: era o "receituário", como assim é denominado. Movida pela curiosidade, olhei e vi lá dentro; havia uma mesinha, duas ou três cadeiras, um aparelho de som do mais modesto. Para nós e para muitos, tudo não passava de uma coisa surpreendente.

A porta foi fechada e, por algum tempo, ouviu-se um fundo musical suave. Enquanto isso, os que se encontravam sentados à volta da mesa, faziam suas pregações evangélicas. Assuntos vários, segundo o espírito do Evangelho, foram ali abordados. Não falavam de cor, não liam, tudo saía de improviso, denotando muito conhecimento espiritual e uma maneira cativante de pregar! Todos os assuntos serviam para todos os casos: suicídio, divórcio, drogas, filhos rebeldes, amor conjugal, perda de entes queridos, pessoas física ou mentalmente doentes!

De repente, por um boquete que há na porta do pequeno cômodo — do "receituário" — começaram a ser entregues papéis dobrados, que alguém pegava e entregava à mesa. Eram receitas e notícias que muitos haviam pedido por escrito.

Observando as receitas para enfermidades físicas, verifiquei que ninguém dissera: "tenho isto ou aquilo"; "sofro deste ou daquele mal". E todos foram unânimes em responder-me que a receita viera exata para os males de que eram portadores.

Receitas espirituais, com prescrições para o corpo e para o espírito, também tinham sido aviadas e eram sempre as mais adequadas: representavam o melhor conselho, a melhor consolação.

Após fazerem a entrega de todas essas receitas e pedidos, mais ou menos à meia noite, vejo Chico Xavier sair daquela saleta, sem seus costumeiros óculos.

Notei uma fisionomia diferente.

Conduzido pelo braço de seu auxiliar, sentou-se à mesa novamente. Pegou no lápis e velozmente começou a escrever sobre a primeira folha daquele maço que estava à sua frente. Mudava de lápis de quando em vez. A velocidade era impressionante e escreveu até as duas horas e meia da madrugada sem parar um instante sequer!

Durante a psicografia, ouvia-se música no ambiente. Quando terminou, impassível à qualquer "flash" fotográfico, passou o lenço no rosto, colocou os óculos e acertou as folhas que eram em número bem maior que duas centenas.

Começou então a ler a primeira mensagem psicografada: eram páginas belíssimas, assinadas por Emmanuel, o seu mentor. Em seguida, sempre ouvindo-se um choro amargurado daqui, um estancar de lágrimas dali,

Chico Xavier prosseguiu lendo outra mensagem da noite: a de um filho cujos pais se encontravam presentes.

Foi demais tudo aquilo para nós que nunca imaginávamos tais fenômenos!

E leu a terceira e a quarta!

Só mesmo vendo para podermos realmente acreditar, dizia eu a todos que vinham me perguntar, após essa viagem a Uberaba.

Recebi o meu pedido de notícias. Foi maravilhoso agarrar aquela página, psicografada por Chico Xavier.

Um pedido da Selma solicitando notícias de seu irmão Laurinho veio com resposta psicografada a lápis.

PRIMEIRA NOTÍCIA

Psicografada em seis de maio de 1977, no pedido de Selma, portanto, véspera do Dias das Mães:

Esperamos poder cooperar mais tarde na obtenção das notícias solicitadas.

Confiemos no amparo de Jesus, hoje e sempre.

Outra folha com pedido meu, solicitando notícias de meu filho, nesse mesmo dia.

Psicografada assim:

Filha: Nosso amigo está sob a proteção de abnegados Amigos da Vida Superior que cooperam para o refazimento das forças de que necessita.

Confiemos no amparo de Jesus.

Tenho todos os originais recebidos até esta data, em pasta, guardados em casa para quem estiver disposto a vê-los.

SEGUNDA VISITA A CHICO XAVIER

Saímos de volta, de madrugada. Amanhecemos em casa, impressionados com o que víramos. Meu irmão Antônio Mário dizia que não tinha dúvidas quanto a tudo que presenciara em Uberaba. Selma ficou maravilhada com tudo, e sentiu-se muito melhor com as pregações que ouvira, atentamente.

Eu acreditei, mas queria mais provas.

Fiz um acerto comigo mesma de que iria ter com Chico Xavier mais uma vez, que voltaria lá em junho. Mas junho chegou e, por uma série de motivos, o mês terminou, eu lá não voltei.

Chegado julho, qual não foi a minha alegria, quando Selma me disse:

— Mamãe, dia oito, meu aniversário, eu não quero nada senão ir até Uberaba; a senhora me leva?

Mais que depressa concordei. Nesse dia oito, teria eu que estar em São Paulo para terminar um concurso que estava prestando, para um cargo público. Fui de carro, de madrugada, cheguei de volta às quatro da tarde, e rumamos para Uberaba.

Lá chegando, não havia ninguém no local. Fui à livraria do senhor Agnello, na outra esquina e indaguei por Chico Xavier; disseram que ele não estava lá naquele dia, por motivos de saúde.

Saímos desapontados, oferecendo, ainda uma vez, o sacrifício em benefício de Laurinho.

Rumo a Casa Branca, já estava ciente que de maio para cá, Chico atenderia só às sextas-feiras.

TERCEIRA VISITA – A GRANDE MENSAGEM

Na sexta-feira imediata, 16 de julho de 1977, partimos novamente para Uberaba; eu, mamãe, meu irmão e Selma. Seria esta então a segunda vez , após dois meses, que iríamos estar perto de Chico Xavier, se Deus nos permitisse.

Conseguimos um lugar melhor na fila, ficando entre os trinta e cinco primeiros.

Também, fizemos aquela madrugada! Todo aquele povão novamente: acredito que desta vez atingiu a casa do milheiro para cima. É impressionante!

Finalmente, chegou nossa vez, com a ajuda de Deus. Cumprimentei-o, a voz embargada pela emoção. Ele, apertando minha mão, falou:

— Filha Priscilla, Jesus nos abençoe; sua avó está ao seu lado, eu a estou vendo.

Eu ainda em dúvidas, pensei:

— Hoje eu vou encostar Chico na parede.

Ele continuou:

— Filha, sua avó Diloca está presente.

Mas eu, desconhecendo o poder espiritual desse homem, retruquei:

— Chico, eu tenho duas avós.

Ele torna outra vez:

— Filha, sua avó Diloca está aqui.

Eu, então, para tentar um desafio:

— Mas Chico, Diloca não é o nome dela; não é esse, não senhor.

Ele retrucou:

— Filha Priscilla, ela nasceu com o nome de Adelaide, mas só foi chamada durante toda sua vida, aqui, por Diloca!

E insistia:

— Filha, quem está aqui é sua avó.

E as minhas palavras emudeceram, fui saindo. Chico Xavier com aquela paciência diz:

— Jesus nos abençoe, filha!

Vocês não imaginam o que a gente sente ao conversar com ele. Parece que recebemos um bálsamo diferente. É uma coisa esquisita mesmo.

Após tomarmos nossos lugares, Selma se achava muito gripada.

Ouvimos as pregações atentamente eu, mamãe, Selma e meu irmão.

Quando eram passadas as vinte e três horas, Chico saiu do receituário e veio para a mesa fazer a oração, como já vimos de outras vezes que lá estivemos.

Começou a psicografia, naquela mesma velocidade. Já havia escrito mais de uma centena de páginas.

A madrugada já se fazia presente e o frio fazia-se sentir, de repente. Ao iniciar uma das folhas, Chico Xavier vacila, toca de leve a folha com seu lápis, demora por alguns segundos e recomeça a escrever, mas de uma maneira esquisita, diferente, notada por todos os presentes.

Dentro do salão, não havia um só lugar, mesmo nas janelas, e fora, era o mesmo cenário; talvez houvesse maior público do que em maio, quando lá estivemos.

Quando Chico Xavier escrevia, notávamos que parecia canhoto, mas com a mão direita (escrevendo com a mão direita à frente da ponta do lápis). Foi impressionante.

Assim, foram as últimas daquela madrugada.

Começou a lê-las: primeiro uma mensagem de Emmanuel, em seguida outras duas. Nós ali já estávamos nos preparando, arranjando nossos pertences para podermos romper aquele público e pegarmos a estrada de volta à nossa casa, aqui em Casa Branca. Eram mais ou menos três horas da madrugada. De repente, ouvi um "ila", e minha mãe puxou-me pelo braço e disse:

— É você, Priscilla!

Eu, Selma e mamãe fomos passando para a frente, até chegarmos perto da mesa, onde Chico Xavier lia, sem alterar, aquelas linhas, que eu jamais poderia imaginar seriam as palavras que meu filho Laurinho tinha transmitido há poucas horas antes e na presença de centenas de pessoas.

Cuidei para que eu conseguisse ficar em pé e continuar com a cabeça no lugar. Sim, chorávamos horrores! Aliás, mesmo não sendo para a gente esses recados, todos choravam: é demais a emoção que se sente ao saber, ao ter provas de que nossos entes queridos não morreram para a outra vida, mas que foram alteradas suas maneiras de vidas, e que a "viagem é longa", mas tem que existir sua compensação, conforme fora cumprida ou não sua missão neste planeta.

E Chico Xavier ia lendo enquanto as lágrimas nos brotavam nos olhos.

O PASMO CAUSADO

Deus dos céus! Após Chico Xavier terminar de ler, vira-se para o povo e pergunta se a pessoa em questão estava lá.

Identifiquei-me:

— Sou eu, Chico.

Enquanto eu tremia toda por dentro, ele, com aquele ar de humildade e o cansaço pela hora avançada, após ler a mensagem, perguntou-me:

— Que tempo faz, filha?

— Sete meses de falecido.

— Filha, são poucos os que se manifestam com tão pouco tempo de desencarnação, mas este é um espírito bom. Ele voltará com outras e outras.

Após isto, estendeu aqueles papéis em minha direção para que eu pegasse. Não sei como consegui dizer algumas palavras:

— Chico, Deus lhe dê muita saúde para que você possa confortar todos que vierem à sua procura. Deus lhe pague!

Ao pegar aquelas nove folhas manuscritas, Chico Xavier, ainda falou mais:

— Filha, não depende de mim. Se fosse eu quem decidisse, consolaria a todos, escreveria para todos os que sofrem. É como se ter um telefone, e muitos quererem falar, mas a permissão não é dada a todos e tão somente àqueles que se fazem merecedores.

Ao sairmos dali, com aquela "carta", só tínhamos olhos para lê-la e relê-la. Era a sensação de que estávamos recebendo uma missiva de nosso filho, de outro continente.

Graças a Deus! Como Deus ainda foi bom conosco!

Seja feita a Sua vontade, ó Senhor!

Na viagem de regresso, os quatro perdemos o sono, e vimos o sol nascer.

Chegamos em casa por volta das seis e meia da manhã, quando os padeiros estavam fazendo entrega.

Tanta esperança abrigavam nossos corações: parecia que estávamos mais leves.

DIVULGANDO A MENSAGEM

A notícia da "carta" do Laurinho se espalhou rapidamente e, naquele mesmo sábado e no domingo, em casa havia um movimento desusado: todos queriam ler a mensagem independente de crenças ou doutrinas. Jovens, tanto rapazes como mocinhas, mães, avós, gente de todo nível e condição social.

Ao depararem com a assinatura, a maioria chorava: não podia impedir que as lágrimas brotassem de seus olhos, porque já conheciam de outros tempos aquela maneira de assinar.

O telefone tocava sempre. Eram pessoas perguntando se poderiam vir ver o "recado". E assim foi por alguns dias.

Resolvi não mandar imprimir por então, porque, talvez me julgassem louca; fazia somente sete meses que nosso Laurinho havia partido.

Todos os dias havia os que vinham ver a "carta". Até decorei minha carta tão querida!

Outros me pediam que a levassem até suas casas, porque queriam que a família toda tomasse conhecimento. Eu, pacientemente, rodei com a pasta azul, onde estão guardadas estas folhas, plastificadas, e para nós todos não deixa de ser uma jóia rara e uma santa relíquia.

Essa mesma pasta é guardada sobre a escrivaninha, no quarto de Laurinho. Quando alguém quer ver e ler, mesmo que não me encontre em casa, sempre há alguém para mostrar.

INICIANDO A LEITURA ESPÍRITA

Começamos aqui em casa a ler quatro livros maravilhosos que gentilmente um grande amigo nos enviou com o seguinte cartão:

Estimada Priscilla:

Pela bondade do portador estou cumprindo com o prometido, ou seja, passando às suas mãos alguns livros espirituais. Se algo sobre a terra merece o nome de felicidade é aquela íntima satisfação, aquele íntimo sentimento moral que resulte do emprego de nossas faculdades na pesquisa da verdade e na prática da virtude.

Espero que você encontre, nas páginas desses livros, lenitivo à sua dor e paz para o seu espírito.

Aceite um abraço do seu amigo,

Reginaldo.(*)

São esses livros coisa preciosa.

Logo minhas filhas, eu e Lauro, cada um se apossou de um e depois trocávamos após nos deliciar com tamanha maravilha de ensinamentos e pensamentos.

Tanto que hoje, em nossa mesa de cabeceira, lá está o "Busca e Acharás", com Jesus na capa, que parece nos infundir "aquela" esperança:

"Confia, confia sempre!"

Como fiquei entusiasmada com esse livro, achando que poderia beneficiar a muitos, tendo ou não problemas, resolvi adquirir uma dezena. Cheguei a comprar mais e mais, pois um livro de tão baixo custo, com tão grande conteúdo, vale a pena ser distribuído. E continuo entregando a todos que posso uma obra dessa.

(*) Reginaldo Cristófaro Mazzafera.
(Nota da Autora)

Até hoje não ouvi qualquer crítica negativa sobre o livro, nem mesmo uma palavra que revelasse não tivessem gostado dele. Além de tudo, comecei a estudar a Doutrina, não lendo velozmente, mas bem lentamente, analisando-a cuidadosamente em todas as minúcias. Tenho assistido a algumas sessões evangélicas em Centro da região, inclusive no que funciona no Lar Esperança, onde se pode aprender belos ensinamentos à luz do Evangelho.

MEU MARIDO LÊ A MENSAGEM

Passados esses dias de julho de 1977, chegou Lauro (pai) de Mato Grosso, para onde o levaram a fim de espairecer e ter amenizada a dor. Tudo parece que melhorou mas a saudade não há tempo que apague, muito pelo contrário: a cada dia que passa, vai aumentando, vai corroendo a gente! Quando o pai chegou da pescaria, eu disse:

— Lauro, tem uma surpresa para você. Você nem pode imaginar o que seja.

Ele, barbudo, com a fisionomia abatida, apesar dos dias de descanso, na tentativa de acertar, fazia mil e uma suposições. Então aqui dissemos:

— Uma carta de Laurinho!

Ele, assustado, perguntou:

— Uma carta? Onde vocês a acharam? Como foi isso?

E nós pedimos que ele se sentasse na cabeceira de nossa mesa e aguardasse o que seria.

Então contei, com a pasta azul nas mãos.

Relatei tudo nos menores detalhes.

Ele ansioso por abrir a pasta e ler. Abri nossa preciosidade e comecei a reler aquela maravilha.

Ele, com os olhos marejados, ouviu tudo, mas quando bateu o olhar na assinatura, soluçou.

— Como pode ser isso? Será mesmo verdade? E a assinatura? E os nomes todos absolutamente corretos?

Chegou a vez dele ficar remoendo, acreditando e desacreditando, matutando sobre tudo aquilo. Contou na escola, onde é professor e surgiram mais e mais pessoas aqui em casa para ver de perto aquilo que todos acharam ou achavam que fosse impossível. Ainda chegaram a dizer: "é telepatia". Mas, e o resto, como é que pode se explicar?

CONVITE PARA SER CURSILHISTA?

Qual não foi o meu espanto quando uma senhora, veio até aqui e pediu-me que eu recebesse outra amiga, pois ela precisava muito conversar comigo.

Prontamente acedi ao pedido. Às 19 horas, cá estavam as duas.

Pensei que se tratasse de convite para participar de Cursilho, porque sou uma das únicas da família que recusei a isso, já que não concordava (e não concordo) com certos pontos, não tomando parte nessas realizações da comunidade religiosa católica desta cidade. Mas a minha surpresa foi maior do que eu esperava.

Ela dizia que tinha estudado uma dezena de anos em colégio de freiras e era praticante cursilhista.

Em seguida falou pausadamente e com palavras exatas, porque ela é de grande instrução, inteligente e muito ponderada, culta ao extremo. Muito delicadamente, perguntou-me se eu não faria questão de falar sobre Chico Xavier, o que lá encontrei, e como seria tudo por aqueles lados. Isto porque tinha muita vontade de ir até lá, pois até então — confessou para nós duas —

procurava por algo, que ainda não havia encontrado. Alguma coisa faltava em sua vida, na sua maneira de encará-la e ela própria não o descobrira ainda.

Relatei tudo do meu jeito. Creio que falei sem parar até depois da meia noite. Respondi a tudo que estava dentro das minhas possibilidades.

Aconselhei-a a que fosse até lá, assim ela veria de perto, porque com sua capacidade e cultura, ela própria tiraria suas conclusões.

Dito e feito: dias depois, lotaram uma perua e lá se foram.

Voltou abismada com tudo que viu e ouviu, com a multidão que lá estava. Tanto que, ela própria, não conseguiu falar com Chico Xavier. Chegou a dizer para muita gente desta cidade:

— Eu, que pensava ter grandes problemas e sem solução, diante do que vi, afirmo que não sofro de mais nada, sou feliz!

Agora faltava-nos convencer o Lauro de ir até lá.

CONVENCENDO MEU MARIDO A CONHECER CHICO XAVIER

Nossa filha Selma, rogava a Deus por esse dia, e ao irmão também, para que o pai pudesse ver com os próprios olhos, que Laurinho estava e está mais VIVO que nunca!

E conseguimos, com a ajuda do Pai!

Nas vésperas do dia 12 de agosto de 1977, lá fomos rumo a Uberaba. Eu, Selma, Lauro e a pequena Lucila.

Saindo daqui de madrugada, pegamos um lugar na fila, não muito legal. Talvez chegássemos a falar com Chi-

co Xavier, talvez não. Curtimos sol, poeira, canseira, mas tudo era oferecido em benefício de nosso Laurinho.

Lauro fez ele mesmo a sua "sindicância", ao conversar com uns e outros durante aquela tarde.

Quando a fila começou a ser atendida, exatamente às quatro horas da tarde, percebi que não iria dar para alcançarmos a nossa vez. Por poucas pessoas não chegou a nossa vez e quando avistei Chico levantando-se do banco para ir ao receituário, não me lembro o que me deu e pensei: "Logo hoje, que Lauro veio, para pelo menos apertar-lhe as mãos!"

Olhei a janela aberta (que hoje não fica mais) e mais que depressa pulei para dentro do salão, com bolsa, cesta, tamanco e tudo! Não sei como consegui, mas que deu certo, deu!

Lá dentro eu exclamava:

— "Pula Lauro, depressa, depressa!"

Ele, apesar de mais pesado, conseguiu.

Nesta altura dos acontecimentos, eu já estava passando, ou melhor, varando por debaixo dos braços do cabo Xexéu. Consegui chegar até Chico Xavier, que estava prestes a adentrar o receituário.

Lauro ficou parado atrás do guarda, pois este impedia a sua passagem.

Eu, falando com Chico, pedia que ele desse permissão para o Lauro passar, pois ele viera especialmente para conhecê-lo e abraçá-lo. Depois de tanto pedir, Chico Xavier acenou com a cabeça para o guarda e Lauro e Chico abraçaram-se e que aperto de mãos!

Nesta altura, eu me sentia feliz por ter conseguido esse encontro, embora não tivesse tempo do Lauro falar outras palavras com ele, senão estas:

— Fico muito contente em conhecê-lo. Eu sou o pai do Laurinho. Muito obrigado, muito prazer.

Chico Xavier, sempre sorridente e paciencioso, calmo, humilde, entrou para seu receituário.

Ouvimos, todos nós, inclusive a Lucila de 10 anos, as pregações vindas do mais profundo dos corações.

Chegou a hora da entrega das notícias e receitas.

Lauro fez um pedido, solicitando receita para enfermidades físicas e espirituais e notícias de Laurinho.

Chico psicografou:

"Tratamento de passes para o nosso amigo, e quanto ao jovem Lauro, mais tarde esperamos cooperar na obtenção das notícias solicitadas.

Confiemos no amparo de Jesus hoje e sempre".

Após estar de posse desse precioso papel, com a mesma letra de quando Chico psicografa, pois a letra dele próprio em seu estado normal é de caligrafia por igual, certa, bonita, esperamos chegar a hora para ouvirmos as mensagens. Todos nós exaustos; mas encontrando-nos lá, parece que tudo diminui: o cansaço, a fome, a sede, o sono! Quando Chico Xavier deu início à psicografia, eu e a pequena, estávamos de pé, sobre um banco. No outro extremo da sala, lá estava o Lauro também sobre o banco. Selma, sentada num dos batentes da janela. Todos os presentes, ao verem Chico Xavier escrever com tamanha desenvoltura, mãos sobre os olhos, sem seus costumeiros óculos e tamanha rapidez, choram mesmo. As lágrimas vertem, as pessoas mais endurecidas que possamos imaginar não escapam a elas!

Lauro também não se conteve, ao verificar, com espanto e de perto, o fenômeno que estava ocorrendo.

Selma, sempre emocionada, chorava tanto, que um casal que se achava perto dela, querendo animá-la,

perguntou o que se passava com ela. Não teve dúvidas e narrou o acontecido de meses antes. Quando contou que já havíamos recebido mensagens, os dois ficaram pasmados por termos tido essa felicidade, já que o nosso Laurinho partira em sua "viagem" há tão pouco tempo. Essa mãe afirmou à Selma que tem ido até duas vezes por mês a Uberaba ouvir e ver Chico Xavier e que até aquela data não obtivera recado algum de seu filho.

Mais uma prova de que nada acontece por acaso, mas pela orientação e mérito espiritual. Nem mesmo Chico Xavier pode interferir, fugindo à vontade dele.

Quando começou a ler as mensagens recebidas, Lauro ficou abismado. Eu, mais do que ninguém, queria ouvir de sua boca a impressão sobre tudo o que vira e ouvira. Ele, muito circunspecto, respondeu-me:

— Não existe charlatanismo, não existe coleta de dados, não existem mentiras nem telepatia. Acredito que Chico seja um enviado de Deus, um pregador por excelência, um homem especial. São bons ensinamentos e conselhos exatos que se aprendem. Não vejo nada de mal em ouvi-lo; pelo contrário, se todos ouvissem um pouco do que lá pregam, não haveria tanta coisa errada por aí.

E . . . mais uma vez iniciamos nossa viagem de volta a nossa casa. Lauro, gozando de grande popularidade no meio do professorado e dos alunos, narrou a todos fielmente tudo, tudo o que ocorreu em Uberaba.

O testemunho de Lauro no seio da classe estudantil foi como uma afirmativa real e concreta de tudo, ainda mais saindo essas palavras de boca de um cursilhista como é ele.

A verdade é que a partir de então, sensíveis mudanças se verificaram em nossas vidas: nosso círculo de amizades ampliou-se grandemente, ganhando nossa existência uma motivação de cunho mais espiritual.

FAZENDO NOVAS AMIZADES

Na esquina paralela à casa de reuniões de Chico Xavier está situada uma livraria que fica à disposição de quem quiser folhear e escolher qual o livro que mais lhe sirva: isto sem pressão alguma do encarregado, o qual fornece grande orientação. O casal Agnelo Pereira da Silva é o que atende a todos com extrema solicitude.

Na altura dos acontecimentos, eu, muito expansiva ou "faladeira" na opinião de Lauro, já havia me entrosado com o senhor Cabo Xexéu, destacado para a guarda de Chico Xavier, com o casal da livraria, com o casal do pequeno bar, senhor Luiz, e até com o secretário de Chico, senhor Weaker e sua senhora Zilda, gente boa, simples e que tem a felicidade de passar grande parte do tempo ao lado dessa figura ímpar e luminosa que é nosso Chico Xavier.

Relacionei-me, também, com dona Maurita; Márcia, um encanto de senhora-jovem que vai ser mãe dentro de meses e é uma grande e brilhante pregadora, junto a seu marido e a seu pai. Os três se destacam pela magnífica fluência de palavras e pela bela dicção com que Deus os dotou!

D. Cida, na sua simplicidade, com aquela feição delicada que dá impressão de que já a conhecíamos, irradia e inspira confiança.

O nosso Eurípedes, com suas preces edificantes, e os demais que ainda não identifiquei pelo nome, são todos maravilhosos.

Fiquei conhecendo tantas mães na mesma situação minha, como também pais desesperados que vão à procura, não de uma mensagem, mas de palavras acalentadoras e confortantes.

Das vezes em que lá estivemos fiquei muito amiga

de Aracy Nucci, residente em São Paulo. Até hoje nos correspondemos, e trocamos telefonemas.

Também Lourdes Leite de Santana, de Goiânia, na mesma aflição, vai sempre ouvir aquelas palavras.

Íris e Oswaldo Camargo, de São Paulo; Nina de Oliveira e tantas outras, que, da primeira vez que lá estiveram ficaram atônitas pelo que ouviram, tornando-se fiéis seguidores da tarefa cristã calcada no amor ao próximo e a Deus.

Travei conhecimento com a mãe de Jair Presente, o jovem de dezenas de mensagens, já tão conhecido em livros. Também tivemos a oportunidade de conhecer Suely, a irmã de Jair.

Sabem o que disse essa mãe ao me abraçar?

— Sou a mãe mais feliz do mundo por tudo isso que Jair fala nas suas mensagens; como poderia eu pensar de outra maneira?

Achei estranho, mas à medida que se vão lendo as mensagens de Jair, acompanha-se perfeitamente a integração e evolução desse jovem engenheiro, que residiu em Campinas (SP), onde seus pais trabalham arduamente em favor do próximo.

Conheci a mãe de Ricardo Tadeu, do Walter Perrone, do Dráusio e Diógenes, do Joãozinho, filho do Major Nascimento. Os pais de Dráusio e Diógenes, grandes evangelizadores; a mãe Zilda Giunchetti Rosin, autora de livros maravilhosos.

Escrevo estas linhas, com muito carinho, à querida Aparecida Banchi, desta cidade, a seu marido Ângelo, a seus filhos Maria Ângela, Maria Gioconda, a nosso estimado Tico, ao Paulo, e ao bebê que alegra a família, Paulo Tadeu. Estes passaram pelo mesmo mau pedaço e até hoje trazem o coração dilacerado e corroído pela saudade. Família radicada aqui nesta cidade há muitos

e muitos anos. Tida como louca, desesperada pela perda do nosso querido José Tadeu, Aparecida, graças ao bom Deus, teve o consolo de receber mensagens em que o filho pede à mãe querida que prossiga a vida na Terra, afirmando que não morreu, que a morte é uma ilusão.

Somos todas tachadas, como loucas, mas só nós que experimentamos essa dor horrível e essa saudade infinita é que compreendemos!

Aqui em nossa cidade, a qual parece predestinada a enviar jovens para o Além, há uma boa soma de famílias desesperadas, uns a acudir aos outros, esses a se fazerem de mais fortes para ajudar com uma palavra àqueles que também estão "carimbados" pela mesma dor.

Cá para baixo, estão calados, parecendo resignados, mas vertendo lágrimas internas, a família de nossos caros amigos Laércio e Nízea Bassi.

E a vocês, Eunice e Adalberto Monteiro, companheiros que somos desta jornada de padecimentos, ofereço estas singelas palavras.

Ao Urbano e Camélia Bastos, nossos irmãos de Ribeirão Preto, a quem oferecemos orações que a tanto devemos, e ao nosso querido Aulus, que partiu juntamente com esse exército de jovens escolhidos: esperemos em Jesus, trabalhemos para a melhoria deste planeta, edifiquemo-nos para exemplo da juventude, deformada pelo progresso, envolvendo-a num clima de compreensão, carinho e amor.

Também a vocês, Tabajara e Maria Brazão, deixo aqui expressos os meus agradecimentos pela exemplificação de fé firme e inabalável em Deus, procurando, no seio da Doutrina e de seus maravilhosos ensinamentos, buscar consolo e aceitação pela perda precoce da tão querida Lenice.

Perdoem-me se deixei de mencionar alguém, mas o

meu relacionamento cresceu tanto, ao conhecer de perto a dor, que não tem mais medida!

JUÍZO PRECIPITADO

Até aqui relacionamos uma série de pessoas que se podem considerar íntimas ou quase. Há aquelas — inumeráveis — que passaram a fazer parte de nossa vida, de nossa experiência vital através do grande denominador comum da Dor. . . da Dor pelos que se foram e. . . da Dor pelos que ficaram.

Sim, a pungente Dor pelos que ficaram. Recordo nitidamente uma linda mãe, com seu marido, um belo carro, dois rapazes de aparência muito bonita.

Não sei como passou na frente de todos os da fila e foi falar com Chico Xavier. Isto causou indignação porque nós todos estávamos há mais de 24 horas, esperando pacientemente pela nossa vez. Quando eles voltaram lá de dentro, eu não tive dúvidas: fui ao seu encontro e disse-lhes:

— A senhora não parece ter problema tão grave, como é o caso de todos os que aqui estão nesta fila: sua fisionomia é tranqüila, está tão bem maquilada!

Ela respondeu:

— Se tenho! E que problema, minha senhora! Olhe lá na frente, está um filho meu, drogado, vive dormindo, vive de picadas, não estuda, não trabalha, é só essa loucura! Somos de Brasília e viemos, com toda a fé, ver se Chico Xavier nos orienta.

Nessa altura dos acontecimentos, eu e as meninas fomos conversar com o infeliz, que relutava mesmo em seguir alguns pequenos conselhos recebidos.

Indiquei alguns livros, compraram, e não soube

mais nada, mas tenho certeza de que um dia ainda os encontrarei lá de novo, todavia, felizes.

AINDA UMA VEZ EM UBERABA

Em setembro de 1977, voltei lá novamente: eu, mais duas senhoras e um senhor, nosso amigo, que foi dirigindo o fusca verde.

Fizemos uma viagem boa, normal; de qualquer maneira, eu não mediria sacrifícios: afinal, foi Laurinho que escolheu essa "caixa postal", um pouco distante, em Uberaba.

Dessas duas amigas, uma estava com problemas íntimos e na família. Recebeu orientação precisa. A outra, perdera uma irmã muito chegada a ela e recebeu também uma notícia psicografada que a confortou bastante.

As duas que nunca haviam ido até lá, voltaram plenamente convencidas do que presenciaram.

Com tudo isto, em casa sempre aparecem uns e outros pedindo informação de como chegar até Chico Xavier.

Desta vez, apertei a mão de Chico Xavier, mas não tenho o que dizer. Só sua bênção naquele suave e meigo, *"Jesus nos abençoe"* vale por todos os sacrifícios. Em seguida, solicitei notícias de Laurinho, por escrito, na mesa.

Por todas as outras mensagens que os leitores terão oportunidade de ler, na Segunda Parte, perceberão a evolução espiritual rápida do nosso querido Laurinho!

Veio no meu papel a seguinte psicografia:

"Filha, Jesus nos abençoe. O nosso irmão Laurinho tem prestado a maior colaboração na sustentação das

suas forças e no amparo à família. Confiemos em Jesus que nos auxiliará na manutenção da harmonia.

Deus nos proteja e nos abençoe."

Como podemos descrer de tudo isso, se realmente desde a "viagem" de meu filho Laurinho, o que pedia desesperadamente a Deus era que nos mandasse, de qualquer maneira que fosse, um jeito de afirmar que Laurinho é mais feliz nessa Vida para que foi chamado do que aqui neste mundo de provações? Sempre peço a Jesus que o próprio Laurinho nos encoraje, nos dê forças para não cometermos uma loucura. E nessa folha, veio exatamente aquilo que só Deus estava sabendo que em minhas orações venho pedindo a ele! Como pode ser isso?

Não há possibilidade de fraude nem de explicação pela telepatia, nem coisa alguma. Acredito mesmo que a força que estamos recebendo seja empurrão dele, pois Laurinho nunca disse "estou cansado, deixa prá lá", ou "estou com preguiça". Um grande exemplo deixado de perseverança, otimismo, trabalho, simplicidade.

Passou o mês de setembro, eu a pedir a Deus que o tempo voasse, sabendo que pela lei natural, a cada momento estamos mais perto do fim, que diante de tudo que vi e aprendi, não é o FIM, mas o começo da verdadeira VIDA.

Chegado outubro já estava eu inquieta. Parece que quando volto de lá, recebo uma injeção de forças, um empurrão para continuar vivendo. E isto é expressão não só minha, mas também de todos quantos vão lá procurar alguma palavra.

Chegada a segunda semana de outubro, engrenei nova ida a Uberaba. Telefono por duas ou três vezes para lá, um conhecido tão delicadamente me põe a par, com precisão, da estada de Chico Xavier em dia que seja de meu interesse.

Como sempre, a mesma madrugada, a mesma viagem, os sacrifícios costumeiros, mas ofertados em benefício de nosso Laurinho.

Nessa noite, quando fiz o meu pedido, sentia algo diferente: estava emocionada demais. Conosco, um amigo e a filha. Apareceram em casa, no começo do mês, dizendo que tinham vindo até aqui porque souberam que eu estava mais forte do que ele, apesar de já terem passado quatro anos da ida do filho Rick; ele, a mulher e a filha estão sofrendo, desiludidos e desesperados. Resolvi, orientá-los, de coração, para os mesmos caminhos por onde comecei, e se Deus quiser, ajudá-los a chegar aonde chegamos!

E acertamos nossa viagem para a segunda sexta-feira de outubro.

Lá fomos, muito animados.

Sr. Alfeu, como é óbvio, também ficou abismado com tudo que presenciou. Só que ao recebermos as nossas páginas de notícias psicografadas, ele emocionou-se com o recado que veio para mim.

Para ele, foi bem mais simples, mas não podemos avaliar o mérito espiritual de cada um! O médium Chico Xavier poderá nos dar essas notícias se nossos filhos conseguirem "vez" e mérito de se comunicarem.

Na página psicografada dirigida a mim vieram os seguintes dizeres:

"Filha, Jesus nos abençoe. Nosso querido Laurinho está presente e beija-lhe as mãos, prometendo escrever logo que possa dispor da necessária oportunidade.

Confiemos no amparo de Jesus hoje e sempre."

Quando peguei essa folha, eu tremia da cabeça aos pés; chorei muito, muito mesmo, porque é emocionante

termos a certeza de que nossos filhos estão conosco embora não possamos vê-los.

Que Laurinho esteja realmente sempre conosco, acredito firmemente. Uma, porque temos recebido tanta "notícia" dele, inclusive a "carta", e outra, porque ninguém na família tem a sensação de Laurinho como morto, todavia como bem VIVO, e sempre como todos nós.

Voltamos de lá animados; senhor Alfeu como da outra vez, duvidava um pouco, embora na hora da psicografia tivesse ficado atônito, junto à sua filha, assistindo a tudo aquilo.

Nesse mês de outubro estávamos planejando passar o aniversário de Lauro (pai), 28 de outubro, em Uberaba. Mas infelizmente nessa sexta-feira, não pudemos viajar, já que Lauro não poderia sair por causa de problemas da profissão e Selma teria provas escolares.

A PEREGRINAÇÃO

Resolvemos ir no dia 29, pois sabíamos que haveria "peregrinação" às 15 horas e a psicografia seria às 19 horas.

Saímos bem cedo, levando conosco a amiga D., que de há muito pedira, quando sobrasse um lugar, que a convidasse, pois fazia questão de ir.

Seguimos eu, Lauro, Selma, Lucila e nossa querida amiga, de 18 anos. Almoçamos num restaurante pelo caminho. O movimento nesse dia era intenso por causa dos feriados que se aproximavam. O calor era abrasador!

Chegamos a Uberaba e fomos direto para o local, a esperar a hora da "peregrinação" que se constitui na distribuição aos necessitados, de gêneros, roupas, dinheiro, enfim, tudo que tenha sido arrecadado.

Um cortejo, carros após carros, em direção a uma vila longínqüa.

Tão pobres, tão pobres, é de comover.

Lá chegando, começou uma chuva forte; nem por isso, Chico Xavier se abalou. Fez sua prece, ouvimos outras e debaixo daquele aguaceiro que caía, benéfico, necessário às plantações.

Exatamente uma hora depois, o sol se fez presente e tudo prosseguiu da melhor maneira. Fila interminável de necessitados, todos recebendo gêneros; de tudo um pouco. Chico Xavier, do outro lado, sorrindo distribuía dinheiro para os adultos.

Às 19 horas, estávamos no seu salão, e uma pequena multidão se formara para ver de novo a psicografia. Está aí um fato: quanto mais se assiste, mais se quer estar presente!

Voltamos felizes como o exemplo recebido, por ter sido dado por um ser humano de tão magnífica grandeza como sói ser Chico Xavier!

A juventude precisa presenciar essas virtudes para poder aplicar um pouco também.

Nessa noite ouvimos uma mensagem endereçada a um pai que estava presente e fazia aniversário exatamente nesse dia 29. Vejam só: Lauro fez aniversário no dia 28. Tudo prova que não é quando queremos nem quando Chico pede, mas, pela vontade de Deus!

NOVA IDA A UBERABA

Chegando novembro de 1977, já pensava eu qual seria o dia em que poderia ir até lá. Por mim queria mesmo ir no dia de finados ou na sexta-feira mais próxima do dia dois.

Talvez muitos leitores duvidem do que vou contar: em toda minha vida nunca levei em conta o dia 2 como Dia dos Mortos; se iria fazer uma visita a eles teria que ser no dia 1.o porque sempre os considerei como mais *"vivos"* que dantes!

Nesse mês de novembro, rumamos novamente para Uberaba, levando conosco uma jovem de nossas amizades. Amizade antiga, e muito chegada à nossa casa, sempre pedia que, quando houvesse possibilidade de levá-la não nos esquecêssemos dela.

Chegou esse dia. Como minha filha Selma, e essa amiga Rosely, tivessem provas no dia 11 de novembro, logo cedo, só pudemos sair daqui às oito horas da manhã. Não tem importância, disse eu, a intenção é válida da mesma maneira. E chegamos a Uberaba, mais ou menos às 12 horas.

Conseguimos o lugar número 68 na fila, a qual mais tarde foi aumentando enormemente como sempre acontece. Já habituada a tudo aquilo, não tinha mais o que estranhar, apenas constatar que cresce sempre o número de pessoas a cada vez que vou até lá.

Esperamos pacientemente até às três da tarde, e como nosso número passou além do que iria ser atendido, fiquei pensativa porque fazia questão que Rosely falasse com Chico Xavier.

Sempre decidindo rapidamente, resolvi ficar mesmo que estivesse bem atrás nessa interminável fila.

Quando encostou aquela "peruinha" amarela no portão lateral da sede, disse a Rosely:

— Vem comigo, você vai falar com o Chico Xavier.

Corri para o carro; quando ele abriu a porta e desceu, apresentei-lhe Rosely que, naquelas poucas palavras ditas por ele, se sentiu realizada.

Entreguei nossos pedidos de notícias para seu secretário, mesmo fora das ordens mantidas porque estaríamos presentes a tudo, só não teríamos acesso à mesa para colocar nosso nome, por estarmos em número de ordem além dos que seriam atendidos.

As meninas Rosely e Selma ouviram as pregações, sempre admiradas com a capacidade dos oradores. Nós três sentadas num daqueles bancos, resolvemos fazer uma vibração, um pensamento positivo, pedindo a Deus, que Laurinho estivesse integrado perfeitamente e aceito a vida para que foi chamado, sem revolta, com abnegação!

A resposta ao nosso pedido de notícias, que aqui vai transcrito, veio psicografada por Chico Xavier, provando que Laurinho está a par de tudo o que pedimos ou fazemos por aqui.

"Priscilla e Selma Basile pedem notícias de seu filho e irmão Laurinho."

Chico Xavier psicografou:

"Nosso amigo está presente e agradece as vibrações de encorajamento e de amor que está recebendo dos seus entes queridos.

Confiemos no amparo de Jesus."

Exatamente o que pedimos por ele, e vem o agradecimento.

E nossa amiga e muito chegada a ele fez também o seu pedido que aqui vai relatado:

"Rosely Aparecida França pede notícias de seu amigo Laurinho e Zezé sua prima."

Chico Xavier psicografou:

"Nosso irmão Laurinho está presente e agradece as vibrações de paz e amor que está recebendo dos corações queridos.

Confiemos no amparo de Jesus hoje e sempre."

Exatamente o que pedimos e Laurinho agradece.

É sempre tudo muito estranho! As meninas viram e ouviram a leitura das mensagens psicografadas naquela noite. Por incrível que pareça, nem todas são consoladoras e de bonitas palavras. Ouvimos uma em que um rapaz, falecido em 1972, clamava das trev - onde se encontrava, ao mesmo tempo que pedia auxílio, porque insistia em chorar pela não presença dos parentes. Todos presentes choravam. Foi triste demais.

Então temos aí mais uma prova evidente de que tudo isso não é uma invenção, uma maneira de consolar pais, mães, esposos, esposas, filhos e netos de ninguém.

Voltamos mais felizes, porque recebemos aquelas palavras que penetraram em nossos corações, como bálsamo fortificante.

Nossa viagem de volta foi muito boa e cá chegando, todos perguntam: *"Veio algum recado?"*

E por menor que seja, todos fazem questão de ler e vibram de entusiasmo, sempre rendendo graças a Deus por mais aquelas palavras de encorajamento.

MENSAGEM DE NATAL

E novembro vai correndo: peço a Deus que o tempo voe. . .

Chegando dezembro, resolvi que iria fazer um Natal em nome de Laurinho, para atender a 150 famílias pobres aqui em casa.

Com a importância que gastaríamos na troca de presentes, como sempre foi costume da família, nos cotizaríamos e levaríamos isso avante.

Ao se aproximar o dia 12, quando então faria um ano da "viagem" do Laurinho, eu e Lauro, o pai, resolvemos ir novamente até Uberaba, para recebermos um "empurrão", a fim de termos forças para atravessar todas essas datas e festividades.

Dessa vez, as meninas não puderam ir por causa de exames escolares; partimos para lá, levando conosco uma outra mãe, da cidade de Mococa, que sempre tivera muita vontade de ir e não conseguira oportunidade: Elma Ramalho, cuja filha Telma, faleceu em São Paulo, de acidente. Jovem de 16 anos de idade, menina linda, estudante na Eletrotécnica em Mococa.

Elma, de família espírita, sempre seguiu essa Doutrina, mas quando aconteceu com sua filha aquela desgraça, fora internada e esteve longo período em tratamento.

Chegamos a Uberaba por volta das oito e meia da noite. Pensamos em ir para um hotel, mas resolvemos passar pela sede onde trabalha Chico Xavier.

Nessa hora da noite de quinta-feira lá estavam seis pessoas na fila. Ali mesmo, tomamos nossos lugares e ficamos esperando amanhecer o dia, o qual parece ser, naquela cidade, privilegiado; é um raiar de sol diferente, parece mais uma pintura. E dessa hora em diante a fila foi aumentando, até acontecer como nas outras vezes!

Lauro, novamente pedia a Deus um recado para ele, porque a mensagem que Laurinho nos mandou, como ele não estava lá, veio em meu nome.

Agora um detalhe: ninguém sabia que estávamos organizando um grande Natal de amor ao próximo, procurando de todas as maneiras proporcionar um pouco de alegria aos menos afortunados, em nome do Laurinho.

Ao chegarmos para falar com Chico Xavier, ele nos fez muita festa e recebeu-nos com alegria dizendo:

— Filhos, Laurinho está sempre comigo. Eh Laurinho! A mensagem que escreveu é curta, mas falou tudo!

Continuou:

— Filha Priscilla, ontem à noite ainda pensei muito nele! Se vocês soubessem como ele é feliz, como está contente.

Agradecemos as notícias com o mesmo:

— Jesus nos abençoe.

Fomos colocar na mesa o pedido de "mais" notícias.

Por volta da meia noite, ele psicografou várias mensagens, todas empolgantes e sempre com recados importantes.

Elma recebeu um pequenino recado psicografado relativo ao estado de sua filha Telma. Ficou emocionada, agradecendo por ter tido a felicidade de conhecer Chico Xavier, pessoalmente.

O nosso pedido veio psicografado da seguinte maneira:

"Filhos, nosso caro Laurinho está presente e continua melhorando sempre a sua capacidade de servir ao próximo e acentuando a sua elevação espiritual. Ele está emocionado com a lembrança carinhosa dos pais queridos, e afirma que estará junto deles no próximo Natal e no próximo Ano Novo.

Confiemos no amparo de Jesus."

UM "TESTEZINHO"

Vejam pois: *"capacidade de servir ao próximo"*, exatamente o que estávamos planejando para esse Natal. E *"estar conosco"*, talvez pelo que estaríamos organizando, não só a família, mas muitos de seus amigos.

Com esse recado que recebemos, Lauro e eu ficamos emocionados e felizes ao mesmo tempo. Eu ainda saí por ali, a olhar os papéis nas mãos de outros, para (desculpe-me, Chico Xavier), conferir se todos falavam em Natal, ou parecidos com o nosso.

Desapontei-me mais uma vez. Não encontrei nada que estivesse semelhante ao nosso nem em assunto, nem em datas.

Voltamos com mais coragem e ânimo. Nossa amiga Elma também recebeu sua porção de esperança.

Nesse dia 12 de dezembro de 1977, fizemos muitas orações dirigidas aos meninos. Recebemos tantas manifestações de carinho, e todas se fizeram acompanhar de preces para o nosso Laurinho.

Dessa maneira, podemos acreditar que ele suba mais depressa e que vá se integrando perfeitamente no serviço de Deus, dentro do maravilhoso esquema cósmico da evolução universal.

No dia 24, antes da distribuição dos gêneros, aqui em casa encontravam-se 25 jovens, entre meninos e meninas, muitos adultos e várias crianças. Nosso querido amigo Tico Banchi, ao nos reunirmos para uma oração, foi encarregado de fazê-la.

Uma prece profunda se fez ouvir e isto deve ter sacudido uma pouquinho o coração de todos que aqui estavam.

No Natal vivemos um dia especial, porque nós qua-

tro, eu, Lauro e as duas filhas, tivemos a felicidade de compartilhar o almoço com D. Palmira, no Lar Esperança. Lá nos encontramos com Mimi Koury e seu marido e com outros casais, que ao invés de estarem comemorando um lauto Natal com suas famílias, entregavam um pouco de sua felicidade àquele punhado de crianças.

No dia 31, ao repicar dos sinos, buzinas, e cantorias, nós quatro, aqui em casa, nos reunimos, abrimos o Evangelho e tentamos fazer uma prece especialíssima para Laurinho.

Eu ainda disse:

— Se Chico Xavier psicografou o recado, de que ele estaria aqui conosco, eu acredito:

Ele está aqui!

Nossa filha menor, leu a Prece de Cáritas. Se Laurinho ouviu e recebeu essas orações e pedidos, deve ter ficado satisfeito ao ver-se lembrado sempre por todos nós.

AS SURPRESAS DE 1978

Dessa maneira, entramos em 1978 mais confiantes, embora com a saudade aumentada.

Com fé em Deus e com ajuda de Jesus, estamos conseguindo levar adiante tudo isto, até quando formos mandados para outra "morada".

Ao chegar quase ao término deste trabalho, impus-me a condição de que só o encerraria após uma ida a Uberaba para conseguir um pouco de luz espiritual.

Desde o começo do mês corrente, janeiro de 1978, fiquei alerta às possibilidades de poder chegar até Uberaba.

Sinceramente, a princípio, vi que tudo estava dificultando essa ida: automóvel em conserto, pessoas que eu havia convidado relutavam em querer ir, enfim, às "portas" em que batia não conseguia "engrenar" essa viagem. Ainda por último, um dos maiores problemas apareceria: não sabia se Chico Xavier estaria ou não por lá na sexta-feira, dia seis. Essa resposta eu só a teria quando telefonasse para lá na quinta-feira, pois como é de praxe, eles não informam com antecedência maior.

Corri daqui, corri dali, procurando e insistindo com pessoas amigas para que cooperassem comigo e me fizessem companhia nessa ida até Chico Xavier.

A primeira, que de há muito estava eu esperançosa em conseguir levar, era exatamente a mãe de Evaldo, Eunice Ferreira Monteiro. Fui à casa dela, conversamos: dependia de tantas coisas, que me vi desanimada. Mas não esmoreci. Pelo telefone, ela daria a resposta definitiva.

Eu dizia comigo mesma: "se não arranjar ninguém, dou um jeito e chegarei lá de qualquer forma." Sempre rogando a Deus, para que tudo se arranjasse da melhor maneira.

Na quinta-feira, dia 5, Eunice me telefona comunicando que ela e a mãe iriam. Estava acertado, mas havia o grande problema de não termos ainda quem dirigisse. Ela estaria se entendendo com outros parentes: quem sabe alguém fosse também?

Comigo estava a Sra. Marinete Arantes, que algum tempo atrás, já havia pedido um lugar quando fôssemos lá, firme que é na Doutrina. Gostaria de ouvir umas palavras de Chico Xavier, necessitando de orientações.

Nessa quinta-feira fiz a ligação para Uberaba: Deus estava mesmo presente! A resposta foi afirmativa e tudo parecia ir tomando o caminho certo.

Foi mais tarde confirmada a nossa ida, numa ótima condução: uma perua "Veraneio"!

Éramos seis para essa viagem: Eunice Ferreira Monteiro, sua mãe Olinda, sua cunhada Vera Monteiro, seu cunhado Antonio Monteiro, Marinete Arantes e eu.

Lotamos a "Veraneio" e às vinte e duas horas da mesma quinta-feira, dia 5 de janeiro de 1978, saímos com destino a Uberaba.

A ida correu normalmente, com muita prosa e duas paradas rápidas. Eunice ora dava a perceber que acreditava e ora descria de tudo isso; mas lá ia ela, tenho a impressão, mais por vontade de dona Olinda.

Ao entrarmos em Uberaba, eram duas horas da madrugada. Qual não foi a surpresa ao depararmos com muitos carros já estacionados frente ao Grupo Espírita da Prece.

Contamos os que lá se encontravam, enrolados em cobertores e agasalhos, pois fazia frio!

Teríamos do número 54 ao 59.

Vera e Antonio Monteiro já conheciam Chico Xavier de outros tempos porque sofreram também a perda de uma filhinha e estiveram em Uberaba, quando a sede onde Chico Xavier atendia, não era nesse local.

Esperamos até as dezesseis horas para conseguirmos estar perto de Chico Xavier.

Dormir, só se o fizéssemos no carro, assim mesmo, através de revesamento, para que cada um de nós ficasse marcando o lugar na fila.

Nessa tarde encontrei lá um grande amigo, Allan Kardec, rapaz popular, simpático, que apesar de dificuldades auditivas e fonéticas, consegue se expressar relativamente bem e deixa transparecer uma grande bondade. Já meu conhecido de outras idas, Allan, quando me viu,

fez uma festa, como sempre. Após termos conversado um pouco, eu, Vera e Antônio, pedimos que ele nos guiasse até a residência de Chico Xavier, mesmo porque queríamos conhecê-la nem que fosse só por fora, é claro!

Dito e feito. Lá fomos nós quatro por aquela rua. Contornei o terreno da casa dele e cheguei mesmo a entrar na parte dos fundos onde está sendo feita uma outra construção, anexa à sua casa.

OS TRÊS LAUROS

Seguimos para a Casa dos Velhinhos, uma das grandes obras de Chico Xavier. Que lugar bem orientado! Uma construção bonita, confortável, muito em ordem, tudo com muita higiene e limpeza. Ao passarmos pela cozinha, Allan nos disse que estavam fazendo sopa. Realmente uma sopa para 500 pessoas tomarem naquela tarde. Imaginem o tamanho dos caldeirões. Sopa cheirosa e apetitosa.

Uma mocinha estava engrossando aquele caldo com fubá, cumprimentou-nos sorridente e eu comentei:

— Que menina bonita! Como é seu nome?

— Laura Maria.

Eu pensando, exclamei alto:

— Tinha que ser Laura, também.

A conversa continuou e, ao indagarmos quem era o diretor do Lar dos Velhinhos, fiquei surpresa novamente: haveria de ser também por ironia do destino, Dr. Lauro.

A mocinha continuava nos narrando como era distribuída a sopa, horário, enfim uma conversa agradável. No final, disse que se quiséssemos conhecer o restante, teríamos que procurar o secretário que está sempre lá e é muito cuidadoso com tudo aquilo.

Mais uma vez fui surpreendida.

Quem era o secretário?

— O senhor Laurinho.

Eu achei demais! Encontrar três "Lauros" num lugar só. Tirei a foto de meu filho da carteira, entreguei para a garota e disse:

— Fica conhecendo mais um Laurinho. Esse é meu filho.

Vejam só, como as coisas vão se sucedendo, e, nós não sabemos como tanta coincidência vai surgindo. Até que tudo isto me fez bem. Em todos os lugares encontro "Lauros" que realmente tentam ajudar ao próximo de alguma maneira.

Saímos de lá, comentando o acontecido. Até Allan achou interessante.

DE VOLTA AO GRUPO ESPÍRITA DA PRECE

Voltamos passeando pela rua D. Pedro I e procuramos pelos nossos amigos para garantirmos os lugares na fila. A esta altura, lá já se encontravam o guarda Darcy Pastor Alves e o Cabo Xexéu, sempre conseguindo dar as informações solicitadas e até mesmo consolando os que não poderiam ter a oportunidade de falar com Chico Xavier, por haverem chegado um pouco mais tarde e não atingirem um número hábil na ordem de atendimento. As conversas continuam e todos querem saber o porquê do outro estar lá. Os casos, quase sempre, os mesmos. Ficamos conhecendo o casal Auta Cristina de Almeida, com seu garoto problema; recebeu orientação de Chico Xavier e assim conseguiria que o menino ficasse completamente bem. Outro nosso "colega carimbado", como denominei os pais que perderam os filhos como

nós, isto porque nestas feições existem sorrisos, palavras, olhares, pinturas, cordialidade ou não, mas a expressão de tristeza nunca desaparecerá dos rostos! Era este o casal Triumpho Lira e Ivete Silva Lira, de São Paulo, à procura de algum conforto.

Aliás, a segunda mensagem dessa noite, foi exatamente de seu filho Mauro que naquele dia estava completando seis meses de "viagem". Foi uma mensagem maravilhosa, como as nossas também. A emoção foi imensa e, apesar da compreensão que já temos da existência de uma outra vida e de nossa fé ter ido crescendo cada dia, as lágrimas brotaram instintivamente dos nossos olhos!

Outros amigos lá presentes: Deputado Muzete Elias Antônio e senhora, chegados de São Paulo, também vieram ouvir algo que os confortassem, pois uma filha e uma sobrinha também haviam feito a "viagem".

E assim o nosso relacionamento vai crescendo e vamos nos dando as mãos. Recebemos também as belíssimas mensagens das irmãs M. Célia e M. Helena, filhas de nossa querida amiga Maria José Caetano Marcondes, lá de Santa Izabel, também do Estado de São Paulo.

Voltando ao nosso encontro com Chico Xavier nesse dia de ação de graças, quando percebi que, quase ao atingirmos a porta da sede, para termos acesso a esse homem abnegado, talvez nosso número não chegasse até ele, fui mais à frente e implorei a uma senhora que nos deixasse passar à sua frente, pois não era tanto por mim, mas pela Eunice!

Lá onde um lugar é tão disputado, aquela senhora gentilmente disse que nós poderíamos ir em seu lugar. Vejam que ainda existem seres humanos que têm compreensão e caridade!

Diante de Chico Xavier, como sempre, ele fez-nos

festa com palavras animadoras; a voz de Eunice quase não saía e eu, querendo ajudá-la, ia inteirando o que ela omitia. Dali saindo, dirigimo-nos para a mesa onde depositamos nossos pedidos de notícias; no livro de preces, registramos os nomes de todos quanto nos são caros, tanto dos que aqui estão como dos que já se foram! Chegou a vez de D. Olinda, mãe de Eunice: falou com Chico Xavier, agradeceu e saiu. Então Marinete, que já estivera lá por duas vezes e foi destacada por ter certa mediunidade, ao chegar à frente dele, caiu sobre um dos joelhos e chorou copiosamente com as mãos elevadas em atitude de oração. Não conseguia falar e Chico pedia que a ajudassem.

Quando Marinete conseguiu pronunciar alguma coisa, recebendo algumas palavras dele, Chico levantou-se, pela hora passada, para dirigir-se à mesa. Eu, aflita, ao ver que Vera e o marido não conseguiram falar com ele, pensei com meus botões: "é incrível que, quando se tem que chegar a ele, há Algo Superior que nos conduz; caso contrário, nem que se esteja junto, não havendo "aquela" indicação certa, ou predestinação, não se consegue mesmo."

Tudo, naquela tarde, parecia acontecer de maneira diferente, até para mim, que já estava habituada a aquilo. Nesse dia a coisa estava com ar novo! Chico Xavier terminou de atender ao público, dirigindo-se para a mesa. Abriu o "Evangelho Segundo o Espiritismo" e leu a lição do dia.

Em seguida anunciou o nome dos presentes à mesa. Qual não foi o meu choque ao ver meu nome incluído para ter assento junto à mesa! Sentei-me numa das laterais em um dos cantos. Foram feitas as orações e preces por Chico e pelo Sr. Weaker.

Com a retirada de Chico para o receituário, deu-se início às pregações.

Nessa noite fomos mais privilegiados porque os oradores, sempre extraordinários, tiveram reforço de uma jovem senhora, chegada de São Paulo, a qual se destacou pela maneira de falar! Eu, que, muito feliz em meu lugar, acreditava ter tido um privilégio, senti sumirem meus pensamentos ao ser requisitada para falar algumas palavras. Não poderia me negar, então peguei o primeiro período do texto evangélico da noite, a respeito da *"Dor, uma bênção que Deus nos dá. . ."* e fui por aí adiante.

Resumindo: dizem, os que estavam comigo que pareciam inspiradas as palavras que pronunciei. No final, dei meu testemunho de tudo quanto nos acontecera até aquela data. Não via nada, só percebi lágrimas em meus olhos quando terminei e recebi beijos das senhoras que estavam ao meu lado e cumprimentos dos que estavam mais distantes. Quantas coisas imprevistas acontecendo em um só dia!

Fui eu quem fiz a entrega das receitas para todos lá no pátio. E, lá mesmo, graças a Deus fui muito cumprimentada, até por pais que agradeciam as palavras acalentadoras que havia pronunciado. Acho até bom não me recordar de nada, do contrário sentir-me-ia envergonhada de ter cometido algumas falhas e, se estas não surgiram foi porque tinha Deus e Laurinho provavelmente a me inspirarem, todo aquele tempo.

Já passava da meia-noite, quando Chico voltou do receituário para a cabeceira da mesa, sentando-se como de costume para fazer a sua prece e concentrar-se. Eu, no meu cantinho da mesa, achando-me muito, muito honrada pela deferência, de mãos postas, olhos fechados, conversava com Ele, como se o estivesse vendo:

"Ó meu Deus e Senhor, ajudai-me a terminar o livro; dai-me a luz e a inspiração necessária. Meu Deus, permiti que venha alguma coisa mais, para "balançar" a

cidade! Preciso tanto de apoio na situação em que estou! É uma coisa tão séria este trabalho! Meu Deus, não permitais que a Eunice saia daqui sem nada! Ó senhor, já sabei o que acontecerá se isto for assim! Ela vai falar tanto de tudo isto, e o livro como é que vai ficar? Deus dos Céus, ajudai-me a completar os últimos capítulos do meu livro. Não é pretensão minha, mas confio no Senhor!"

Desta maneira eu orei. Parecia mesmo que eu e Ele estávamos sentados, um a ouvir o outro.

Eu, que tanto aprecio ver Chico Xavier ir escrevendo, psicografando tantas folhas, nesta noite, com toda chance de aproveitar e ver tudo de perto, não consegui, porque me entreguei em prece ao Senhor!

Ele psicografou centenas de folhas, escreveu mais de hora e meia: foi formidável.

Suaves melodias faziam, como sempre, o fundo musical repousante. Ouviam-se alguns que choravam mas realmente tem-se vontade de deixar as lágrimas verterem. Ele terminou, ajuntou as folhas, colocou seu óculos e começou a leitura de tudo.

Primeiramente as páginas de Emmanuel com o tema "Renovação e Paciência". Páginas de grande conteúdo espiritual, de grande lição: uma maravilha!

Em seguida, uma mensagem endereçada ao casal Triumpho Lira e Ivete Silva Lira, de seu filho Mauro. Outra surpreendente "carta", repleta de nomes e sobrenomes, indicações e dizeres maravilhosos.

MEU PEDIDO ATENDIDO: EVALDO SE COMUNICA!

Do meu lugar ia ouvindo tudo atentamente. Chico Xavier iniciou a leitura de mais uma; esta era endereçada à "Mãezinha Eunice". Eu olhei para o Sr. Weaker e ele fez o sinal afirmativo com a cabeça. Desta vez não agüen-

MUITOS SÃO OS QUE TRILHAM O CAMINHO DA DOR

Aqui vão algumas palavras do médium Ângelo D. Banchi (Tico), irmão de Tadeu, citado na mensagem de Evaldo, dando seu testemunho, também com a partida de José Tadeu.

"No silêncio da noite, quando os ponteiros do relógio quase se cruzavam, anunciando o fim de mais um dia, repentinamente a quietude local foi quebrada. A nossa família recebe a notícia de um desastre sofrido pelo meu irmão, José Tadeu; logo soubemos que tinha sido fatal. Todos chocaram-se, mas minha mãe, ao reconhecer a situação e tomada de profunda dor, faz com que sua mente penetre em novos planos, delineando-se a loucura.

Haviam passado três anos, em que a dor da desolação habitava em nossos corações, praticamente destruindo a minha mãe, que a partir de então, abandonou qualquer atividade social, qualquer distração, e, em seu luto, afirmou que seus dias futuros seriam dedicados somente a lamentar o ocorrido.

Quase todas as terapêuticas tinham sido tentadas mas sem sucesso, quando surgiu a oportunidade de irmos a Uberaba onde assistiríamos a uma reunião espírita em que estaria presente a figura ímpar de Francisco Cândido Xavier. Quisemos falar-lhe das comunicações enviadas por outros jovens, conseguidas através da mediunidade de Chico Xavier, mas tudo transparecia tão difícil, quase impossível.

Contra a vontade de minha mãe, rumamos para Uberaba onde tivemos um rápido contato com Chico Xavier e, neste dia o plano espiritual nos concedeu a felicidade de recebermos uma carta de José Tadeu e nesta

tei e chorei mesmo. Tentei localizar com o olhar onde estaria Eunice e não via ninguém dos que tinham vindo conosco. O tempo, em que ouvia Chico Xavier lendo aquela mensagem de trinta e sete páginas, lágrimas corriam em meu rosto e de tantos outros que não o conheciam!

Chico Xavier estendeu aquelas páginas para que a mãe se aproximasse. Quando vi Eunice chegando, levantei-me, abracei-a e disse em voz alta:

— Chico Xavier nosso Deus lhe pague. Peço permissão para dizer a todos, que esta minha amiga é mãe do rapaz que assina a mensagem, o qual fez a viagem junto com Laurinho, meu filho! O outro, aqui presente, José Tadeu, já é conhecido por suas mensagens. Cumpre-me dizer, que, ao visitar a campa de nossos filhos nós, as três mães, sempre colocamos uma florzinha para cada um deles.

Eu e Eunice sempre pedimos, cada uma de sua maneira, que Tadeu desse as mãos para nossos filhos e os puxassem para cima, pois Tadeu já tem um grande desenvolvimento espiritual e está num plano mais elevado.

Parece mesmo incrível que tudo isto e muito mais, veio relatado na mensagem que será transcrita na Segunda Parte.

O pessoal que lá se encontrava, ficou de olhos esbugalhados. Recebemos muitos abraços, pois uma "carta" vinda de tão longe é digna mesmo de cumprimentos.

Eunice, após receber e reler aquelas páginas, não pôde mais titubear diante das verdades espirituais.

A avó Olinda, que realmente crê em tudo, ficou tão feliz! E todos nós, amigos e familiares, congratulamo-nos com tão grande graça recebida, agradecendo a Deus e continuando a pedir pelos meninos, nossos meninos!

José Tadeu Banchi

ele nos dizia que a morte não o tinha destruído, que sua vida continuava, que ele continuava a nos amar, e que os fatos tinham ocorrido devido a causas anteriores, mas que sofria devido ao sofrimento de nossa mãe, e pedia que ela vivesse, só assim ele voltaria também a viver.

Mamãe dentro de seu materialismo, choca-se, suas antigas concepções são destruídas, pois seu filho irrevogavelmente retornara e tinha provado a sua presença.

O tempo passa, ela começa a lutar contra suas idéias anteriores, mas a saudade continua causando-lhe profunda dor, tenta compreender a Doutrina Espírita, tenta ser feliz, mas nada consegue.

Um dia, retornamos a Uberaba e lá novamente somos agraciados com uma nova mensagem de José Tadeu — um reencontro — e ele agradece a nossa visita, a nossa luta e clama: *mamãe, meu coração está em suas mãos, só você pode ajudar-me; viva, mamãe, para que eu viva, veja nas crianças desamparadas seus novos filhos, canalize seu amor à humanidade.*

Com esta mensagem, ela consegue romper os mistérios da Vida e da Morte, consegue compreender a eternidade da vida, e consegue começar a trabalhar em favor da humanidade.

O tempo passou, aqui estamos ainda saudosos de nosso querido José Tadeu, mas atualmente conseguimos compreender inúmeras leis. Através da dor aprendemos a amar a vida, aprendemos a amar nossa família, enfim a humanidade, e, dentro de nossas limitações nos colocamos a serviço da Doutrina Espírita.

A luta que teve um trágico início tem uma continuidade feliz.

Ângelo D. Banchi."

PEDI E DAR-SE-VOS-Á

Como orei tanto rogando a Deus que precisava de mais notícias concretas para terminar este livro, peço o favor de observarem a expressão "badalar o noticiário" que consta da mensagem de Evaldo.

Depois de todos terem lido mais esta sensacional "carta" onde três jovens se reencontram e afirmam que estão juntos das respectivas mães, que somos nós, e estamos nesta mesma cidade, unidas pedindo sempre a Deus por nossos filhos, não podemos ter mais dúvida alguma sobre os poderes paranormais de Chico Xavier.

Na presença de duas destas mães aqui citadas que, naquela madrugada do dia 7 de janeiro de 1978, deram seu testemunho a Chico Xavier e a todos os que se encontravam presentes, ocorreu uma apoteose, se assim posso descrever, que abalou centenas de pessoas que lá se encontravam.

Ouvir e ver a mensagem de apenas um jovem nos comove profundamente; o que se dirá, então, deste caso em que três se manifestam em uma comunicação conjunta, em que surgem pedidos, afirmações e recados que, sendo fidedignos, eram do conhecimento de um grupo muito restrito de pessoas? De elementos, de experiências, de pequenos nadas a que só poderiam ter acesso, em termos de conteúdo e de expressão, apenas os familiares e amigos mais chegados?

Agradeço aqui ter estado à mesa, em companhia de pessoas irmãs de tão alto gabarito que tenho a honra de citar: Márcia da Silva Baccelli, Dr. José Tomaz da Silva Sobrinho, Carmem Reis, Elza Fontana, Izabel Bueno, Maria de Souza, Elizabeth (jornalista de Goiânia), Lair Fontana, Therezinha P. Corrêa de Paiva, Gerson Sestini, Dr. Eurípedes e Antônio Corrêa de Paiva.

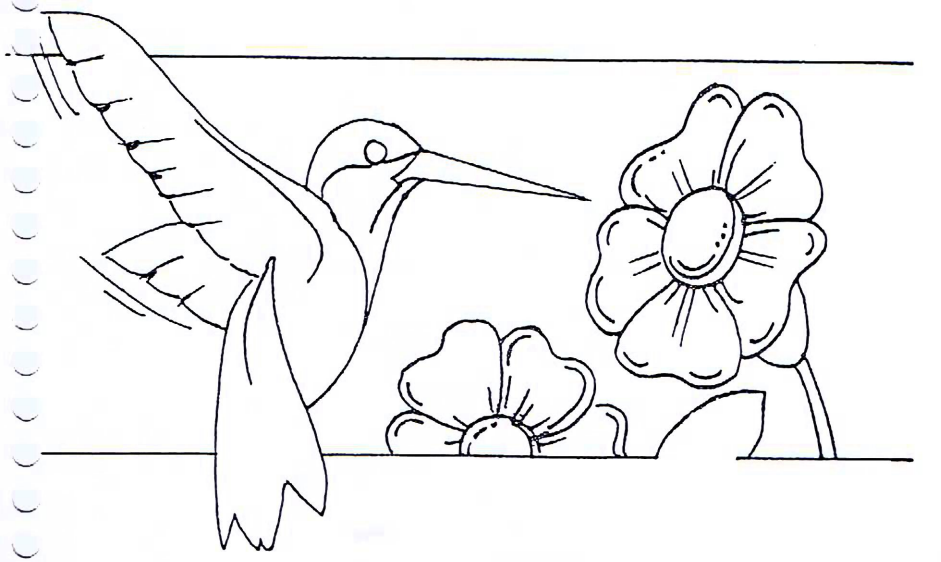
Cumpre-me dizer que, com tudo que recebemos do querido Chico Xavier, nossa família transformou-se de uma maneira tal, que a tenebrosa revolta em que vivemos desde aquele dezembro de 1976 já se dissipou totalmente. Continuamos em nossa saudade infinda, corroendo os corações, mas agora, com fé.

Até então acreditávamos em um Deus Todo Poderoso e Onipotente. . . e ausente. Nesta página deixo gravadas estas linhas que testemunharam a mudança por que passamos: hoje temos um Deus Único, Todo Poderoso e Onipotente. . . e sempre presente, que está realmente conosco, que nunca nos desampara, que, pela dor, nos faz chegar aonde, cedo ou tarde, devemos chegar, atingindo a meta almejada. Digo mais, que não sou ninguém e nem tenho o direito de avaliar uns e outros, mas vai aqui um apelo daquela que se sente um grão de areia no meio do globo terrestre e que recebeu de Deus provas reais e concretas de que Chico Xavier é um enviado do Senhor!

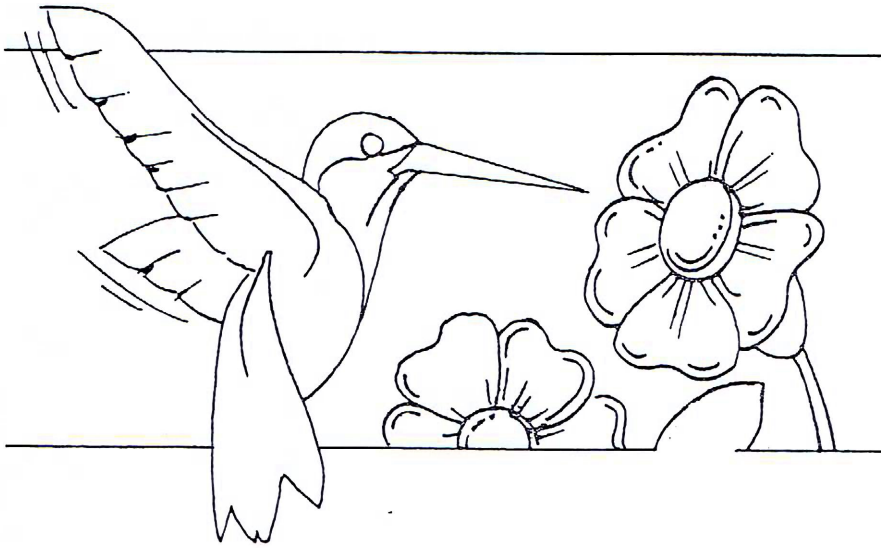
Que Deus está atento a tudo. Que sua justiça e bondade são infinitas. Que, por intermédio do admirável Chico Xavier, conseguimos aquela paz, tranqüilidade que estava nos faltando, e nossa fé foi avivada, para que possamos trabalhar unidos hoje e sempre sob a orientação de Jesus, diminuindo a fome dos que não têm o que comer e a dor dos que não conseguiram encontrar lenitivo para amenizá-las.

Que Jesus continue nos abençoando e permitindo àqueles que necessitem da luz espiritual, possam-na ter com a mesma bondade que recebi até agora, pelas mãos de Deus trazidas até nós por Chico Xavier!

AS MENSAGENS



SEGUNDA PARTE



AO QUERIDO CHICO XAVIER

Agradecemos a luz dos ensinamentos recebidos, as palavras tão profundas, tão santas, que penetraram em nossos corações feridos.

A você, Chico Xavier, devemos as confortadoras frases. Não se esqueça em suas preces de nós, tão insignificantes seres, de passagem por este mundo.

A você, Chico Xavier, que Deus continue dando saúde para que assim possa continuar por muito tempo acudindo e levantando a todos que têm a graça de Deus em conhecê-lo.

A você, Chico Xavier, agradeço a luz que se fez presente em minha mente, para poder chegar ao fim deste livro.

Maria Priscilla Pereira da Silva Basile.

A PRIMEIRA MENSAGEM DE LAURINHO

Querida mãezinha Priscilla, peço a sua bênção.

Tive permissão para vir até aqui pedir à senhora para que não chore tanto.

Peço à senhora e à mãe Lourdes me ajudarem a ficar mais calmo.

À Selma rogo para pedir às nossas querida Rachel, Yolanda e Lucila a mesma coisa.

Mãezinha, eu não vim para cá fora das Leis de Deus. Ninguém teve culpa no carro de encontro à árvore. A morte que não depende de nós não é de nossa culpa. Estou ainda como quem se vê debaixo de uma névoa de lágrimas e ainda não consigo raciocinar com segurança.

Meu avô João Basile me trouxe aqui, a meu pedido, para dizer-lhes que vou melhorar mais depressa se me auxiliarem com a fé em Deus.

Mamãe, conforte meu pai e diga-lhe que estou bem. Agradeço as orações e votos que me dirigem, mas preciso ficar forte.

Não posso escrever mais, mas peço à senhora, ao papai e às meninas, que recebam muitos abraços do filho e irmão agradecido, sempre seu,

Laurinho.

IDENTIFICAÇÕES

Esta mensagem foi psicografada na noite de 16 de julho de 1977, por Francisco Cândido Xavier, no Grupo Espírita da Prece, em sua sede em Uberaba, Estado de Minas Gerais, na presença de centenas de pessoas.

Chico Xavier psicografou com a mão direita,

Primeira página da mensagem de Laurinho, psicografada pelo médium Xavier com a m
direita, como sempre, mas com a ponta do lápis voltada para si mesmo (posição tí
dos canhotos), o que motivou uma diferente distribuição da escrita no papel (no sent
longitudinal da folha).

é claro, mas com a mão à frente da ponta do lápis, como se fosse canhoto.

Isto foi notado com estranheza por todos os presentes.

Nosso filho Laurinho sempre foi canhoto.

As pessoas por ele referidas e que eram inteiramente estranhas ao médium:

Priscilla — Mãe de Lauro Basile Filho (Laurinho), presente à reunião.

Ortografia correta do meu nome, embora eu mesma o assine e escreva com um só "L".

Mãe Lourdes — Avó materna, também presente à reunião.

Sempre chamou o neto por "filho". Ortografia correta do nome.

Selma — Irmã de Lauro, presente, era a irmã mais chegada a ele. Talvez pela pouca diferença de idade entre os dois.

Rachel — Irmã de Lauro, casada. Ortografia correta do nome.

Yolanda — Irmã de Lauro, casada. Ortografia correta do nome.

Lucila — Irmã de Lauro, caçula.

Esta é mais conhecida por "Zó", mas o irmão nunca a chamou pelo apelido, mas sim pelo nome ou por Lu.

Ninguém teve culpa no carro de encontro à árvore — Absolutamente correta esta referência ao acidente: carro de encontro à árvore.

João Basile — Avô paterno, desencarnado em 1958, no ano em que Lauro nasceu.

Laurinho — A maneira de assinar, absolutamente idêntica, usada somente no meio familiar.

MENSAGEM DE EVALDO

Mãezinha Eunice e vovó Olinda,

Rogo para que me abençoem.

Parece incrível que esteja aqui juntamente de Laurinho e do José Tadeu, fazendo força no lápis. É tudo tão surpreendente que dá para pensar em milagre. Um milagre esquisito porque está baseado nas tradições da morte, que por esse mundo de Deus é temida por fera solta. Acontece é que o assunto por aqui pinta de outro modo. Não temos culpa e isso nos deixa tranqüilos. Carros capotados e batidos e três rapazes se encontram junto das mães que não os esquecem, pedindo calma e confiança em Deus.

O meu avô Justiniano Ferreira me escora neste campo novo em que a bola é o pensamento que precisa comandar com agilidade o ato de escrever. Aí não saberia fazer isso. Teria de raciocinar e fazer muitas pausas a fim de badalar o noticiário. Mas aqui nos recomendam obediência no impulso de manifestação rápida e por isso rogo desculpas se omissões e erros forem surgindo. . .

Estamos com o nosso amigo Padre Santana que se fez nosso amigo.

Acontece que para novatos os caminhos por onde ando atualmente não são fáceis de trilhar. Com a experiência, estaremos no ponto desejado.

Laurinho com o avô Basile abraça dona Priscilla, e o José Tadeu reafirma o seu carinho filial para dona Aparecida. Eu, com duas mães nesta sala, reparto o abraço entre a querida mãezinha Eunice e a querida vovó Olinda.

Evaldo Rui Monteiro

Observe, mamãe, que seu filho está medindo as palavras para não ser injusto. Vamos indo melhorados, desde que em nossas casas os assuntos vão subindo da sombra da aflição para a luz da fé.

Mãezinha, quando o seu sofrimento se transforma em desespero, isso me impõe a sensação do menino surrado. Se posso rogar-lhe mais um sacrifício por nós e especialmente por mim, tranqüilize o seu coração querido. Penso que estamos no tempo de uma revisão das nossas preces. Quero ser seu garoto em pequeno, aprendendo a rezar. Ajude-me. Faça comigo as nossas antigas orações de novo. Mamãe, isso faz falta. Então, neste mundo novo, a ação imensa em que me vejo agora, parece-me que a oração de cása é uma lâmpada acesa em meus pensamentos para que eu não perca o rumo. Seu carinho, sabe. Por trás destas palavras que desejo enfileirar alegres, o meu coração está doendo! Saudade é um problema que hoje não sei onde fica maior. Se aí ou se aqui. Creio que nesse assunto estamos empatados, porque as suas lágrimas não têm conta, ao mesmo tempo que as minhas me encharcam a alma. Agora, mãezinha, vamos fazer um compromisso de conformação: Perdi o corpo, ao lado de nosso caro Laurinho, mas isso para nós foi como se fôssemos obrigados a trocar a nossa roupa na estrada. Nesta frase simples existem muitas pedras e muito espinho para moer e largar de mão, entretanto, esse recheio desagradável fica para outra hora. Hoje é só alegria. Alegria regada de pranto, mas contentamento real porque nos reencontramos. Os pensamentos de meu pai me auxiliam muito e as suas preces me amparam sempre.

Dona Priscilla e dona Aparecida, recebam as lembranças do Laurinho e do José Tadeu. Abraços a todos de casa.

Se procurarem as namoradas em nossas notícias, podem responder que somos os mesmos, desejando feli-

cidades a todas. Queremos muito bem às meninas que sempre nos fizeram excelente companhia, mas não temos agora qualquer direito às pequenas. O momento é de acertar idéias por dentro e seguir pra cabeça. A onda mudou, embora estejamos na de pensar para ficar em passo firme.

Mamãe, não posso escrever mais. O tempo esgotou-se. O gongo tocou para seu filho e desligo o lápis, mas não o coração de seu filho; com muitos beijos à vovó Olinda, o sempre seu, sempre coração de seu filho

Evaldo.

IDENTIFICAÇÕES

Mensagem recebida na madrugada do dia 7 de janeiro de 1978, em Uberaba-MG, pelo médium Francisco Cândido Xavier, no Grupo Espírita da Prece.

Mãezinha Eunice — Mãe de Evaldo.

Vovó Olinda — Avó materna.

Laurinho — Lauro Basile Filho, nascido em Casa Branca, em 17 de Março de 1958, filho de Lauro Basile e Maria Priscilla Pereira da Silva Basile. Faleceu em 12 de dezembro de 1976, junto com Evaldo.

José Tadeu — José Tadeu Banchi, nascido em 17 de novembro de 1955, em Corumbataí, Estado de São Paulo, filho de Ângelo Banchi e de Maria Aparecida Banchi, residentes em Casa Branca (SP).

Falecido a 28 de agosto de 1971, em desastre de automóvel, quando regressava de Vargem Grande do Sul para Casa Branca, onde residia.

Justiniano Ferreira — Bisavô materno de Evaldo, desencarnado.

Padre Santana — Antigo morador de Casa Branca,

fundador e patrono da Biblioteca Pública Municipal desta cidade.

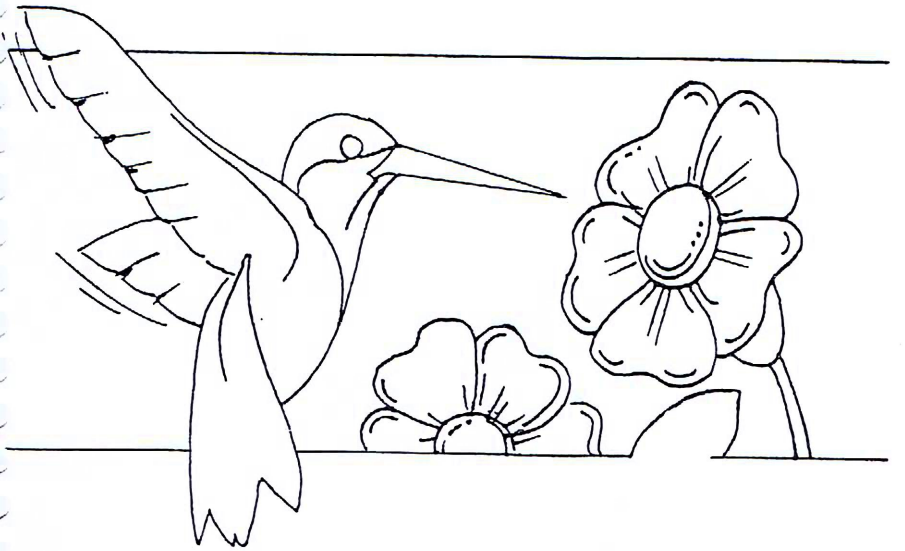
Avô Basile — Avô paterno de Laurinho, cujo nome é João Basile, já citado na primeira mensagem de Laurinho.

Priscilla — Mãe de Laurinho.

Aparecida — Mãe de José Tadeu, o qual já enviou duas mensagens: uma em 10 de outubro de 1975, e outra, em 28 de maio de 1976.

Evaldo — Evaldo Rui Monteiro, nascido em Casa Branca, Estado de São Paulo, em 6 de março de 1958, filho de Adalberto Monteiro e Eunice Ferreira Monteiro. Faleceu a 12 de Dezembro de 1976, em desastre de automóvel.

DEPOIMENTOS



TERCEIRA PARTE

Meu filho Laurinho

Aqui seguem algumas palavras carinhosas de pessoas que tiveram a felicidade de conhecê-lo ou tê-lo como amigo, até mesmo parente. Não foram escolhidas: aqui estão os escritos dos que se lembraram e se fizeram presentes nesta homenagem, dentre os milhares para os quais sua falta está fazendo a saudade doer.

Torturada pela saudade vou esmaecendo com o tempo: a raiz de minha vida está danificada. Isto vem de uma lancetada que me deram no coração, quando te arrebataram de mim.

O tempo passa, mas no coração de mãe, a dor corre. . .

Mamãe.

Laurinho

Você se foi, afastando-se do nosso convívio, por vontade de Deus, como você mesmo disse.

A ausência de seu carinho, amor e afeto, sua maneira irrequieta e dinâmica, toda essa lembrança ficou transformada numa imensa saudade.

O seu "rango" não faço mais e tenho também saudades. (*)

Sua imagem me acompanha em todo lugar e momento.

Até breve, meu filho, para o nosso eterno encontro.

Seu pai.

(*) "Rango" — é o lanche da tarde que seu pai fazia questão de preparar diariamente para o seu filho.

Laurinho e Evaldo

Há momentos, ocasiões e pessoas que tocam e marcam a vida da gente, vocês são duas pessoas de que jamais esquecerei, pois vocês marcaram muito a minha vida. A vocês dois, todo o meu amor, tá!

Juninho

Abílio Jacinto de Oliveira Júnior - 19 anos
Casa Branca (SP)

Nota: Este rapaz foi um dos sobreviventes do acidente.

* * *

Laurinho

Sei que você, quando queria alguma coisa, só queria o necessário, não precisava ser o feio, nem o bonito, mas que fosse o necessário, o que você precisava!

Pois é , Laurinho, você desta vez queria só a paz. . . mas só que eu não sabia, se a forma de você conseguí-la, seria feia ou bonita. . . e muito menos se seria hoje ou amanhã. . .

Mas como eu sei que este mundo está tão desumano, enfim "sujo", sei também que o seu lugar é aí mesmo. . .

Se não pudermos ficar juntos, paciência, um dia eu chego aí. . . "Do outro lado. . ."

Sua irmã *Selma*

Selma Pereira da Silva Basile - 17 anos
Casa Branca (SP)

* * *

Laurinho

Você não mudou, continuará o mesmo para mim. Não vale retratos, o que vale são as coisas boas de que me lembro quando ficávamos juntos.

Laurinho, a dor da saudade mata, mas você nunca morrerá em minha vida. Você será eterno. Você será guardado no meu coração para sempre.

Sei que as lágrimas continuarão pingando, mas você continuará vivendo para sempre. O tempo irá voar, mas Deus te ajudará. E um dia eu irei até você.

Laurinho, seja feliz como você era, com seu sorriso inesquecível. Uma pessoa boa que amava a todos, que não maltratava ninguém, que amou e ajudou os necessitados.

Quem é? O inesquecível: Laurinho.

Sua irmã *Lucila*

Lucila Pereira da Silva Basile - 10 anos
Casa Branca (SP).

* * *

Laurinho

Você é demais!

Sem palavras.

Sua irmã, cunhado e sobrinhos.

Rachel, Shell, Rafaela e José Neto

Rachel Pereira da Silva Basile Araújo
José Araújo Filho (Shell)
Casa Branca (SP).

* * *

Laurinho

Não conseguimos até hoje falar nada! Nada!

Sua irmã, cunhado e sobrinhos.

Yolanda, Petar, Gustavo e Guilherme.

Yolanda Pereira da Silva Basile Sikora
Petar Sikora
Mococa (SP).

* * *

Amigo de fé, irmão camarada

Hik

Antônio Henrique de Siqueira - 24 anos
Casa Branca (SP).

* * *

Ao meu amigo Laurinho.

Um livro não vale pelo seu papel ou por sua capa, mas pelo seu conteúdo. Assim também o ser humano não vale pelo seu corpo, pelo seu aspecto ou pelas coisas que estão ao seu redor, vale pelas suas idéias e seus sentimentos.

Assim, o amor e a fé encheram tua vida, brilharam em teus olhos, te guiaram e te redimiram. Envolveste com o amor todos os que viviam ao teu redor e ainda hoje permanece presente em nossos corações.

Jorge.

Jorge Carvalho - 22 anos
Jardim Nova América - Campinas (SP).

* * *

Laurinho, amigo de todos, deixou muitas recordações alegres entre a gente, sentimos muita falta dele.

Roberto

Roberto Martinelli - 18 anos
Tambaú (SP).

* * *

Laurinho, você me conheceu e sabe que não sou muito de escrever. Queria que soubesse que foi muito importante a amizade que teve entre a gente e pode ter certeza que não é somente eu que falo isso.

Do amigo *Serginho*

Sérgio Luiz Barbim - 19 anos
Tambáu (SP).

* * *

Laurinho

"E como ficou chato ser moderno,
agora você, Laurinho
vai ser Eterno".

Sílvia

Sílvia Ribeiro dos Santos - 17 anos
Tambaú (SP).

* * *

Laurinho

Sempre foi difícil pra mim escrever o que sinto, por isso quero tentar te falar alguma coisa. No começo foi difícil pra todos nós aceitar o que aconteceu, agora, com toda fé que tenho em Deus, tenho certeza que cada vez você está melhor, e se aperfeiçoando em todas as coisas boas que acredito que tenha aí com você. Você está se preparando para nos esperar de braços abertos aí nesse mundo maravilhoso, que imagino que seja!

Você continua aqui ao nosso lado para nos ajudar.

Um abraço da amiga,

até qualquer dia,

Vera

Vera Lúcia Piovesan - 17 anos
Casa Branca (SP).

* * *

Um ano, dois, são todos iguais para a saudade indefinida por um amigo distante, mas eterno.

Mag

Margarida Cristina Barreto - 18 anos
São Paulo (SP).

* * *

Laurinho

Gostaria de poder dizer a você coisas muito bonitas, coisas que teria certeza que fossem lhe confortar, mas não sei se a falta vem de dentro de mim, ou se são muitas as palavras, e eu não possa medi-las ou expressá-las, de

maneira que a única coisa que sempre desejei a você que consiga alcançar o lugar melhor ou que se sint melhor.

E gostaria de lhe dizer agora o que não tive temp para dizer: você é um cara muito legal.

Pra você Laurinho, tudo de bom e de melhor

Gosto muito de você.

Melany

Melany Gabrielli dos Santos - 17 anos
Casa Branca (SP).

* * *

Laurinho

Você apareceu aqui em Tambaú como um estranho.

Depois veio um aperto de mão, e o mais importante: nasceu aqui sua lembrança e sua amizade.

Agora você não está mais aqui, mas sua lembrança e sua amizade ficaram; principalmente os momentos mais felizes!

Lembrar de você é a mesma coisa que sentir seu sorriso.

A sua amizade marcou muito em mim.

Cláudia

Cláudia Sobreira Uliana - 17 anos
Tambaú (SP).

* * *

Laurinho

Pena que o tempo tenha sido meio injusto não deixando a gente aprofundar nossa amizade e se conhecer melhor.

Suzana Colli

Suzana Elisa Colli - 17 anos.
Casa Branca (SP).

* * *

Laurinho

Quantas saudades, dos momentos que passamos juntos. . . e você sempre com o seu sorriso, sempre com as suas brincadeiras; você se foi, mas ficará sempre na minha lembrança, e toda vez que me lembrar de você, tenho certeza que sempre será com muita alegria.

Adriana

Adriana Paulini Castoldi - 17 anos.
Casa Branca (SP).

* * *

Laurinho

Caminhei terras, mares e ares à sua procura.

Peregrinei incessantemente impelida pela falta que senti de ti e pela certeza de te encontrar.

Busquei-te, atenta, em cada lugar do Oriente e Ocidente por onde passei, olhando em volta e chamando-te em meu pensamento.

Sônia

Sônia Basile de Faria - 19 anos.
Araraquara (SP).

* * *

Laurinho

Você foi muito legal e eu só posso ter ótimas lembranças de você.

Você pode ter ido embora, mas continua com a gente, continua sendo muito importante.

Cássia

Cássia Segato Rizzatti - 17 anos.
Tambaú (SP).

* * *

Laurinho

As coisas mudaram muito nos últimos meses e, junto com elas, mudaram as idéias, valores e comportamentos.

O quanto Laurinho influenciou essas mudanças é impossível de ser dito, são lembranças tão deliciosas de um passado surpreendentemente distante.

Laurinho simplesmente foi o consolo e a mensagem de otimismo, paz e alegria de nossos corações.

Agora não é só a lembrança que se me faz presente: são detalhes, pensamentos, palavras, músicas, datas, letras, e a imagem da alegria, calma, do nosso amado Laurinho.

Ana Lúcia

Ana Lúcia Barbosa - 17 anos.
São Paulo (SP).

* * *

Pensei muito em te escrever, mas realmente não tinha nada pra falar, porque quando se quer uma pessoa perto, a maioria das vezes, só a presença nos diz muita coisa.

Acredito que você está melhor que todos nós.

Denise

Denise Basile de Faria - 17 anos.
Araraquara (SP).

* * *

Laurinho

Eu rogo ao Pai, sentindo o indefinível. Deus te abençoe, irmão inesquecível. Conduze-nos ao amor, bondoso e terno amigo.

Ro

Rosângela Assunção Bozzeda - 20 anos.
Casa Branca (SP).

* * *

Laurinho,

Escrever, sempre escrever ou falar alguma coisa para qualquer um é difícil.

Talvez eu pudesse escrever tudo sobre você, seus hábitos, seu feitio, seus costumes, mas eu nunca conseguiria escrever o que você sentia: amor, esperança, alegria, tristeza, fossa e tudo o resto que um cara como você sente quando se tem 18 anos, e tem uma vida pela frente, aqui ou aí tanto faz, pra você, talvez seja melhor estar aí, mas como somos egoístas, gostaríamos de tê-lo aqui. Eu fico até contente em não poder escrever

o que sinto, pois só assim sei que nada sou, e vou carregando o que consigo e caindo com o que não agüento! E isso eu não agüento! Ninguém morre para sempre, por isso só te digo que quem sabe a gente se encontre noutro lugar. . . Prefiro pensar assim, não sei se é bom ou não, mas pelo menos não sofro tanto. Depois que Você se foi, muita coisa mudou! As pessoas amadureceram, ou sei lá, todos mudaram, principalmente os que mais se acercavam de você; e podes crer, que graças a Você, muita gente tá mais perto d'Ele.

É isso aí. Até. . .

Cláudio

Cláudio Henrique Magalhães - 17 anos.
Casa Branca (SP).

* * *

Ele, que transformou as sombras em claridade;

Ele, que nunca se preocupou em ser o primeiro nem o último.

Preocupou-se apenas em SER: Laurinho.

Fernando

Fernando Basile da Silva - 19 anos.
Ribeirão Preto (SP).

* * *

Lembro-me sempre de seus olhos grandes, alegres, sorridentes; lembro-me dele sempre rindo, principalmente com os olhos, você, Laurinho.

Dina

Dina E. Uliana - 17 anos.
Tambaú (SP).

* * *

Laurinho

Eu não o conheci pessoalmente, isto é, nunca ouvi sua voz. Mas eu acho que o conheço mais do que muita gente que conviveu com ele.

Alguns momentos da vida de Sílvia, eu vivi junto com ela, e foi-me fazendo conhecê-lo, o que ele era, o que fazia, do que gostava. . . Eu imagino direitinho como o Laurinho era; às vezes fico triste pensando em tanta gente ruim, cafageste, que deveria morrer. . . mas o Laurinho, que era a luz da vida de muita gente, inclusive da Sílvia, foi-se sem mais nem menos.

Sem conhecê-lo, me sinto sua amiga muito íntima.

Cecília

Maria Cecília Martins - 18 anos.
Tambaú (SP).

* * *

Laurinho

Você, como amigo, nos deu muitas alegrias.

Marquinhos

Marcos César Sobreira Cassiolato - 17 anos.
Tambaú (SP).

* * *

Você, Laurinho, continua sendo uma pessoa muito importante para nossa vida.

Rosana

Rosana Maria Penazzo - 18 anos.
Tambaú (SP).

* * *

Laurinho

Sabe, a gente sofre pra dizer a nós mesmos que você não está mais aqui. Mas olhando as fotos. . . as tuas fotos. . . não podemos crer! Como acreditar?. . . Se vejo nelas seu sorriso, seu olhar, num rosto tão cheio de esperança!. . .

Talvez você tenha viajado, mas sem dizer o dia de sua volta. E, enquanto isso, nós estamos te esperando; se algum dia, em algum sonho você vier, nós vamos te seguir. . . pois VOCÊ viveu a vida, você pertenceu às nossas vidas, e agora em nossas vidas. . . falta a sua vida para vivermos.

Laurinha

Laura Cristina Souza Silva - 17 anos.
Uberlândia (MG).

* * *

Laurinho

Apesar de tudo que te aconteceu, temos a compreensão e certeza de que você foi sempre alegre, contente, feliz; e que não existe aquele que não gostasse de você, e que não te quisesse muito bem.

Seu amigo *Wando*

Wanderley Mussato - 18 anos.
Curitiba (PR).

* * *

Embora Laurinho esteja junto a Deus, que é para onde vão os bons filhos e queridos amigos, só nos resta juntar à tristeza dos pais amorosos, as nossas de bons

amigos que fomos, por não termos mais a oportunidade de revê-lo, com sua contagiante alegria.

Ruth

Ruth Palhares do Nascimento - 18 anos.
São Paulo (SP).

* * *

Laurinho

Você foi para mim e para todos nós, jovens e velhos, um amigo muito legal; esse seu modo de ser que você foi aqui na Terra, garantiu o seu lugar na Eternidade! Nada poderá apagar sua dulcíssima lembrança. Lembrarei sempre de você, não como o Laurinho ausente e sim o Laurinho que está entre nós e morando no horizonte da Eternidade, desdobrando-se nos serviços redentores. Eu imagino Laurinho, a grandeza de seu sonho aí no espaço, procurando plantar em cada coração a alegria e o amor!. . .

Espero que quando eu o encontrar aí em cima um dia, possa abraçá-lo com prazer pelo seu imenso progresso. Laurinho, lembre-se de mim e de todos aqueles que necessitam de ajuda nesta vida, para que um dia todos nós juntos abracemos a meta desejada, encarando a morte como um sonho que se desperta um dia alegre e renovado com Novas e Boa Esperanças!. . . É o que aconteceu com você e todos aqueles que fizeram por merecer uma vida melhor.

Tchau, segue adiante e confia em Deus.

Rita

Rita Isaura Arantes - 16 anos.
Casa Branca (SP).

* * *

Laurinho

A amizade e a alegria que você me trazia ninguém substitui.

Jonas

Jonas Geraldo Alves Filho - 20 anos.
Tambaú (SP).

* * *

Laurinho

O tesouro dos tubarões.

Jô

Giovanina Angelina A.B. Alves - 17 anos.
Tambaú (SP).

* * *

Laurinho

Saudades.

Lígia

Lígia Teani Gato - 18 anos.
Tambaú (SP).

* * *

Laurinho

Estarei sempre rezando para que Ele tome conta do Laurinho. Devemos pensar que Deus, nosso Pai e

irmão, sabe o que faz, e que cuidará bem do querido Laurinho, melhor e mais do que nunca!

Denise

Denise Foelkel - 17 anos.
Bragança Paulista (SP).

* * *

Laurinho

É incrível acreditar que uma pessoa tão bacana, que nos proporcionou tantos sorrisos, tenha se ido tão rapidamente!

Senti uma necessidade de escrever!

Sabe, às vezes, a gente pára pra pensar, e compreende que Deus sabe o que faz.

Sei também que o Lauro está muito melhor do que nós, porque ele está junto de Deus.

Maria Cristina

Maria Cristina de Próspero - 17 anos.
Bragança Paulista (SP).

* * *

Laurinho

Nos deu uma grande lição:

"Foi amigo de todos".

Zé

José Carlos Menezello - 17 anos.
Casa Branca (SP).

* * *

Laurinho

Um amigo, está com seu lugar garantido.

Cícero

Cícero Tadeu Lima - 19 anos.
Casa Branca (SP).

* * *

Laurinho

Se algum dia uma nuvem esconder sua estrela, faça tudo para que ela volte a brilhar, pois é maravilhoso lembrar quanto ela brilhava.

Simoni

Simoni Sobreira de Sordi - 16 anos.
Tambaú (SP).

* * *

Recordações

Ainda ontem estive em um baile e quando subi para casa, após o término do mesmo, passei defronte ao jardim onde eu, Cory e você, Laurinho, íamos, talvez errados, pela censura de nossos pais, escutar música e tomar alguma coisa, como em épocas remotas.

Senti que deveria ir até lá, depois sei que me encontraria com você por lá mesmo, naquela hora tão estranha, pois, acabado o baile, o negócio era dormir!

Fui sentindo que você estava por perto, mas não pode ser visível, talvez pela falta de preparo espiritual, que eu tinha pelo desvínculo da fé.

Não sei se o prejudiquei, pois se é que me descon-

trolei emocionalmente, ou se pelo simples fato de estar com saudades suas, sendo que sei, estás em uma muito melhor por aí!

Agradeço pela sua presença, ainda ontem lá no jardim e quero que esteja, sempre por perto.

Um abraço do colega

Júnior

Aristeu França Júnior - 19 anos.
Casa Branca (SP).

* * *

Laurinho,

Com os dedos sujos dizia:. . .

"tem que dar certo isso".

Das obras de Lauro, duas são de grande significado para mim: o pequeno "Stúdio Som LXL" e o telégrafo resgistrador.

Licínio

Licínio Nogueira de Souza Lima - 20 anos.
Casa Branca (SP).

* * *

Tudo tem sua hora, "infelizmente" para muitos chegou a de vocês, e que nessa nova jornada espiritual, possam evoluir a fim de que olhem principalmente por nossa juventude. Sejam felizes.

Ferrioli

Álvaro Ferrioli - 20 anos.
Casa Branca (SP).

* * *

LAURINHO

A saudade não tem tamanho
pra dizer a você o quanto sinto
sua falta.
Você jamais será esquecido. . .
Você foi uma pessoa e tanto!
Que você esteja em paz. . .
A gente nasce, cresce, adquire
uma certa idade, e daí,
vai-se indo. . . um dia
a gente acaba, como tudo neste mundo.

Sabe o que resta dessa vida?
Restou a Lembrança. . .
Restou a Saudade. . .

Um homem,
Um Ser feliz,
Que por aqui esteve
Que por aqui passou. . .

Uma esperança,
uma luz que brilhava
Que entre as estradas

da vida, se apagou. . .
Uma felicidade,
agora, já, uma
imensa saudade.

Rosa

Rosa Maria Buani dos Santos - 19 anos.
Casa Branca (SP).

* * *

Laurinho, foste mais um
Cristo em nossas vidas, pois
com tua morte redimiste a
muitos que caminhavam
pelas trevas.

Laurinho, "O profeta mudo",
pois tão somente com teu
olhar meigo, teu sorriso benevolente
e tua presença querida, levavas aos
que sabiam te compreender,
mensagens de paz e tranqüilidade,
próprias dos espíritos supremos.

Tua efêmera passagem por nós foi
o suficiente para que agasalhássemos
em nossos corações, uma
eternidade de saudades.

A magnitude de teu espírito
incontido em tão parcimoniosa
matéria, transbordava a cada
passo, sorriso ou gesto teu.

Maria Luiza

Maria Luiza Magalhães.
Casa Branca (SP).

* * *

Laurinho, como muitos já disseram, não é fácil escrever sobre alguém e talvez seja egoísmo meu, mas aquilo que você foi pra mim e para os outros, e principalmente o que você é agora eu quero guardar para mim. Só uma coisa eu quero deixar aqui:

Te quero muito bem, e "você" está sendo o irmão que está ligando muita gente. Até o dia do nosso reencontro.

Carmem Sílvia

Carmem Sílvia Mendes Lucheta - 17 anos.
Casa Branca (SP).

* * *

Laurinho

Você jamais deixará de ser lembrado em todos os momentos.

Vó Lourdes

Lourdes Pereira da Silva
Casa Branca (SP)

* * *

Laurinho

Não me esqueço de você um minuto.

Todos os dias você está em minhas orações.

Vó Genoveva

Genoveva Ciambra Basile.
Casa Branca (SP).

* * *

Laurinho

Lembro o dia em que você atravessou a rua, deixando a roda de seus amigos para me abraçar.

Tão bonzinho, educado, menino bom mesmo.
Rezo todos os dias por você.

Chica.

Francisca Aparecida Assis Barbosa.
Casa Branca (SP).

* * *

Laurinho, um caráter marcante.
Marcante em seu caráter: a honestidade.

Célio

Prof. Célio Ferrini.
Mococa (SP).

* * *

Laurinho
Palavra doce, que agora traduz tanto amargor.
Laurinho, por que foste embora,
nos deixando mergulhados nesta dor?

Tia Maura

Maura Basile.
Casa Branca (SP).

* * *

Laurinho

Você veio para este planeta somente para dar uma alegria efêmera para seus pais, pois você foi o único varão da família, porque quando você veio não

foi para perdurar; você já estava designado pelo Pai Celestial para outras missões mais sublimes na sua vida espiritual. Conforte e dê alento à seus pais pelo trauma porque passaram.

Durvalina e Luiz

Durvalina e Luiz Galamba.
Casa Branca (SP).

* * *

Laurinho

Mãos habilidosas, guiadas por uma inteligência viva e curiosa.

Luiz Antônio e Hertha

Dr. Luiz Antônio Gonçalves de Oliveira e Sra.
Casa Branca (SP).

* * *

Laurinho

Eu o fiquei conhecendo ainda mais, depois que Deus o levou para a sua morada eterna! Essa sua viagem me ligou mais à sua mãe Priscilla; agora somos mais amigas que antes, ela fala em você com muito carinho e diz sempre que você era bom demais, para continuar aqui nesta Vida, onde a cada dia que passa, mais difícil é a luta pela sobrevivência! Ela agora está contente e confia-o a Deus de todo coração, certa de que você aí está sendo mais útil nos trabalhos santificadores e de grandes responsabilidades na construção da Paz e do Amor!

Que você, Laurinho, amparado sempre por Jesus e pelos bons Amigos da Vida Maior, possa trabalhar em favor do bem, por todos nós, ajudando-nos nos mo-

mentos em que não encontramos a necessária coragem para carregar o nosso pesado fardo!

Crie e recrie o bem, não pare nunca de servir, e Deus seguirá sempre em você.

Marinete

Marinete Santos Arantes.
Casa Branca (SP).

* * *

Tudo o que eu dissesse de "VOCÊ" Laurinho, seria insignificante diante do que você foi, é, e será. . .

Beatriz

Maria Beatriz L. de Oliveira
Orientadora Educacional do
Colégio Eletrotécnico de Mococa
Mococa (SP)

* * *

A vida nos surpreende de maneira brutal, violenta, e rouba-nos aquele à quem temos apego, que goza do respeito de todos que o cercam, que é considerado amigo comum dos que têm o privilégio de rodeá-lo, de futuro brilhante, de êxito e garantido sucesso na carreira que abrace.

Lamentável acontecimento; de fato, Laurinho, tem um vazio difícil de ser preenchido.

Sérgio

Sérgio Pistelli
Secretário do Colégio Eletrotécnico de Mococa
Mococa (SP)

* * *

PRECE DO ALÉM

Letra e Música de *Antônio Mário (*)*

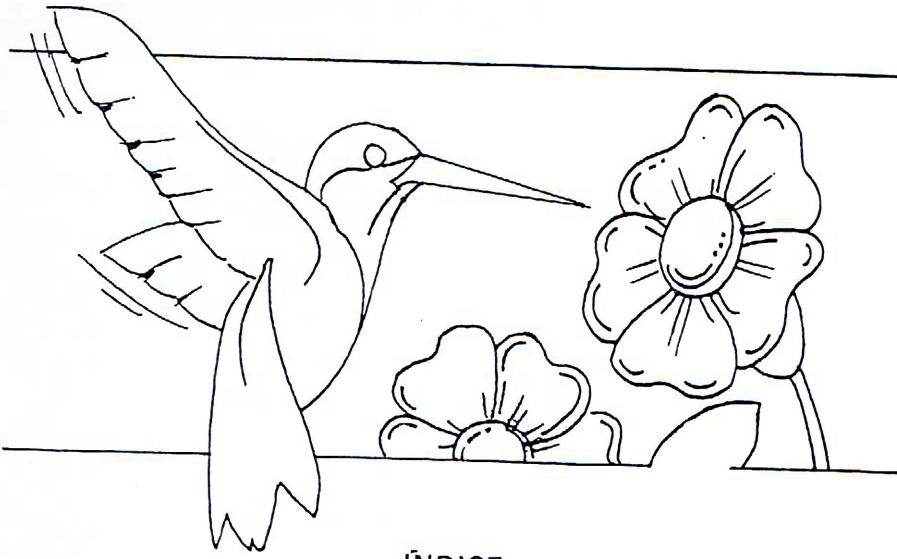
Casa Branca, 8 de janeiro de 1977

Meu pai, minha mamãe querida,
não quero vê-los tão triste assim;
estou distante, vim p'ra dizer-lhes;
vocês não chorem mais tanto por mim.
A saudade que estão sentindo,
é igual a minha, e a que outros têm.
Mas não se esqueçam que tantos filhos,
há muito tempo estão aqui também.

Por este caminho, um dia todos vêm,
ver estas paisagens que só há no Além;
onde os anjos brincam voando no espaço,
Um dia vou ter asas, como eles têm.
Não existem guerras, é só alegria.
Todos têm uma estrela como guia,
Jesus nos ensina coisa divinais.
Quem vier p'ra cá, não quer voltar jamais.

Se alguém chorar por mim o pranto forte,
lembre-se que tantos encontraram a morte,
sem ter realizado o que pensou e quis.
Fui privilegiado, fui muito feliz !

(*) Tio de Laurinho



ÍNDICE

Por quê? 9

I — COMO REENCONTRAMOS LAURINHO

Nossa Família 13
Meu filho Laurinho 16
Estudante e Inventor 17
A Pensão da Tia Nena 18
O Curso 20
O Esportista 21
Um Jovem Prestativo 22
Pintor, Nadador, Pianista e Motociclista 24
Filho Carinhoso 26
O Vestibular 28
A Precognição de seu Tio 30
O Pavoroso Acidente 31
A Trágica Notícia 35
Laurinho e Evaldo Morreram! 36
O Drama que Passei 37
A Cidade Assiste Comovida aos Funerais 39
Pesquisando a sua Morte 39
Provas de Solidariedade 41

Dia das Mães 42
A Mensagem de Revolta 43
A Vidência de Uma Amiga 47
O Vazio Deixado 49
Uma Intuição: Procurar Chico Xavier 51
O Encontro em Uberaba 53
Chico Xavier Atende a Todos 56
Primeira Notícia 58
Segunda Visita a Chico Xavier 59
Terceira Visita — A Grande Mensagem 60
O Pasmo Causado 62
Divulgando a Mensagem 64
Iniciando a Leitura Espírita 65
Meu Marido Lê a Mensagem 66
Convite para ser Cursilhista? 67
Convencendo Meu Marido a Conhecer Chico Xavier 68
Fazendo Novas Amizades 72
Juízo Precipitado 75
Ainda Uma Vez em Uberaba 76
A Peregrinação 79
Nova Ida a Uberaba 80
Mensagem de Natal 83
Um "Testezinho" 86
As Surpresas de 1978 87
Os Três Lauros 90
De Volta ao Grupo Espírita da Prece 91
Evaldo se Comunica 95
Muitos São os Que Trilham o Caminho da Dor 97
Pedi e dar-se-vos-á 100

— AS MENSAGENS 103

— DEPOIMENTOS 115

Composto e Impresso pelo INSTITUTO DE DIFUSÃO ESPÍRITA
Av. Otto Barreto, 1067 - 13600-000 - Araras - Estado de São Paulo
C.G.C. 44.220.101/0001-43 — Insc. Estadual 182.010.405.118